

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Adenilson Perin

GERAÇÃO DE RENDA A PARTIR DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS: ANÁLISE DE  
DUAS ASSOCIAÇÕES DE FLORIANÓPOLIS

Dissertação de Mestrado

Florianópolis

2003

Adenilson Perin

**GERAÇÃO DE RENDA A PARTIR DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS:  
ANÁLISE DE DUAS ASSOCIAÇÕES DE FLORIANÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Engenharia de Produção da Universidade Federal de  
Santa Catarina como requisito parcial para obtenção  
do grau de Mestre em Engenharia de Produção

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Sandra Sulamita Nahas Baasch, Dr<sup>a</sup>.

Florianópolis

2003

Adenilson Perin

**GERAÇÃO DE RENDA A PARTIR DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS:  
ANÁLISE DE DUAS ASSOCIAÇÕES DE FLORIANÓPOLIS**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de **Mestre em Engenharia de Produção** no **Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção** da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 31 de março de 2003.

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.  
Coordenador do Programa

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Alexandre Lerípio, Dr.  
*Universidade Federal de Santa Catarina*

---

Prof<sup>a</sup>. Sandra Sulamita Nahas  
Baasch, Dr<sup>a</sup>.  
*Universidade Federal de Santa Catarina*  
**Orientadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Waleska Nahas Guimarães, Dr<sup>a</sup>.  
*Universidade Federal de Santa Catarina*

### *Agradecimentos*

A todas as pessoas que trabalham nas duas associações, as quais são as verdadeiras responsáveis pela existência desta pesquisa. Agradeço pela fundamental colaboração que prestaram, proporcionando preciosas informações sobre a rotina de trabalho e sobre suas vidas.

Às assessoras Nara e Alcione, que acompanham a Associação dos Papeleiros juntamente com os estagiários da UFSC, Karen e Marcelo, que foram sempre muito atenciosos; à professora Thyrza, a principal responsável pela existência da AREsp, além da Simone, que é a Assistente Social e que também muito colaborou nesta pesquisa.

À Universidade Federal de Santa Catarina, por ter me acolhido e possibilitado os meus estudos.

À Prof<sup>a</sup>. Sandra Sulamita, minha orientadora, que me deu a oportunidade de realizar esta pesquisa, com liberdade de atuação, mas me corrigindo quando necessário.

À Jucilene Fernandes da Silva, o amor da minha vida e minha parceira de todas as horas.

Aos meus pais e irmãs, que mesmo distantes, sempre deram a maior força. A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

*Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.  
Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.  
O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.  
O bicho, meu Deus , era um homem.  
MANUEL BANDEIRA (O Bicho)*

## Sumário

<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	<b>8</b>
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	<b>9</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1.1 TEMA E PROBLEMA DA PESQUISA</b> .....	14
<b>1.2 OBJETIVOS</b> .....	14
<b>1.3 JUSTIFICATIVA</b> .....	15
<b>1.4 METODOLOGIA E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO</b> .....	16
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>19</b>
<b>2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O LIXO</b> .....	19
<b>2.2 ALGUNS DADOS SOBRE O BRASIL</b> .....	24
<b>2.3 CONCEITUANDO O LIXO E A RECICLAGEM</b> .....	25
<b>2.4 DISCUTINDO O LIXO E A RECICLAGEM</b> .....	28
<b>2.5 COLETA SELETIVA E ASSOCIAÇÕES: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS</b> .....	34
2.5.1 Florianópolis .....	34
2.5.2 Porto Alegre.....	36
2.5.3 Curitiba .....	37
2.5.4 Belo Horizonte .....	39
2.5.5 São Paulo – SP.....	40
<b>2.6 SOBRE OS QUE VIVEM DO LIXO</b> .....	42
2.6.1 Os lixões a céu aberto .....	46
<b>2.7 A ECONOMIA SOLIDÁRIA</b> .....	48
2.7.1 Conceito e discussões sobre a economia solidária .....	52
2.7.2 O associativismo dentro da economia solidária .....	55
2.7.3 Como e por quê montar uma associação.....	59
<b>2.8 POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS</b> .....	61
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO</b> .....	<b>64</b>
<b>3.1 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	64
<b>3.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS</b> .....	65
<b>3.3 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	66
<b>4 AS ASSOCIAÇÕES, QUEM É QUEM</b> .....	<b>67</b>
<b>4.1 A ASSOCIAÇÃO DOS RECICLADORES ESPERANÇA - ARESP</b> .....	67
4.1.1 Algumas conquistas.....	71
4.1.2 Dados da produção .....	72
<b>4.2 A ASSOCIAÇÃO DOS COLETORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS - PAPELEIROS</b> .....	76
4.2.1 Antecedentes históricos .....	76
4.2.2 A Associação e os catadores.....	78
4.2.3 O caminho do material .....	81
4.2.4 Dados da produção .....	81
<b>5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS</b> .....	<b>84</b>
<b>5.1 ENTREVISTA COM ASSOCIADOS DA ARESP</b> .....	84
<b>5.2 ENTREVISTA COM A ASSOCIAÇÃO DOS PAPELEIROS</b> .....	90
<b>5.3 ENTREVISTA COM OS ASSESSORES DA ARESP E DOS PAPELEIROS</b> .....	94

5.3.1 Assessora da AREsp.....	95
5.3.2 Assessora dos Papeleiros.....	100
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>107</b>
6.1 ARESP .....	108
6.2 PAPELEIROS .....	111
<b>7 FONTES BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>121</b>
<b>8 ANEXOS .....</b>	<b>129</b>

## Lista de Figuras

Figura 1 – Material triado no ano 2000.....	73
Figura 2 – Material triado no ano 2001.....	73
Figura 3 – Tipo de material triado em 2001.....	74
Figura 4 – Valor recebido por dia de trabalho em 2001.....	74
Figura 5 – Material triado no ano 2002.....	74
Figura 6 – Valor recebido por dia de trabalho em 2002.....	75
Figura 7 – Bairros onde moram os Papeleiros.....	80
Figura 8 - Material arrecadado em 2002 (Kg).....	82
Figura 9 – Faturamento com a venda dos materiais.....	82
Figura 10 – Preço dos Materiais.....	83



## Lista de tabelas

Tabela 1 – Quantidade de Municípios no Brasil com Lixo coletado.....	24
Tabela 2 – Quantidade de Lixo Diário e Destino Final.....	25
Tabela 3 - Lixo coletado pela Comcap em Florianópolis – 2001.....	35
Tabela 4 - Composição dos resíduos em Porto Alegre/RS.....	36
Tabela 5 – Coleta domiciliar de Curitiba em 2001.....	38

## Resumo

PERIN, Adenilson. **Geração de renda a partir de resíduos recicláveis: análise de duas associações de Florianópolis**. 2003. 147f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Este estudo apresenta a atuação de duas associações em prol de uma cidade mais limpa e bonita. Trata-se de duas associações de triagem de resíduos sólidos recicláveis, que conseguem ao mesmo tempo, reduzir consideravelmente o volume de resíduos de Florianópolis que vão para o aterro sanitário, e fazer desses resíduos a sua atividade produtiva diária, possibilitando uma renda capaz de sustentar mais de cem pessoas diretamente envolvidas na atividade. A Associação de Recicladores Esperança teve seu início planejado, com curso de capacitação sobre reciclagem, associativismo e cooperativismo. Verificou-se que trabalham unidos, realizam a partilha igualitária dos resultados e têm horário fixo de trabalho, mas apresentam um alto índice de rotatividade. Atualmente conseguem uma renda de R\$ 200,00 mensais, triando 50 toneladas de recicláveis, provenientes da coleta seletiva da cidade. A Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis teve seu início a partir da necessidade de agrupar os catadores do centro da cidade, que atuavam individualmente e em condições precárias. No estudo, verificou-se que eles têm um envolvimento muito grande com o trabalho, com jornadas prolongadas e sem horário fixo, são todos parentes um do outro, têm dificuldades de trabalharem unidos e cada um recebe aquilo que produz. Em média, conseguem uma renda mensal de R\$ 500,00, coletando 200 toneladas de recicláveis. Diante disso, foram feitas algumas sugestões visando melhorar os resultados das associações estudadas.

**Palavras-chave: resíduos sólidos urbanos, associação, geração de renda.**

## Abstract

PERIN, Adenilson. **Geração de renda a partir de resíduos recicláveis: análise de duas associações de Florianópolis**. 2003. 147f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

The aim of this study is to present the actions of two associations on behalf of a cleaner and more beautiful city. This work deals with two associations of sorting of recycleable solid residues, which, at the same time, are able to reduce considerably the volume of Florianópolis' solid residues that go to garbage areas in the open air, and make of these residues their daily productive activity, making possible the generation of an income that can support more than one hundred people daily involved in the activity. The association whose name is *Associação de Recicladores Esperança* had its beginning planned, with courses of capacity about recycling, partnership, and cooperativism. It was verified that in this association, the recyclers work together, share the results in an egalitarian way and have strict work schedules, but there is a great rate of turnround. Nowadays, the recyclers of this association get an income of R\$ 200,00 per month, sorting 50 tons of recycleable solid waste that come from the selective collection of the city. The other association whose name is *Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis* had its beginning from the necessity of grouping the collectors who worked individually and in precarious conditions in the downtown area of FLorianópolis. In the study, it was verified that they have a great involvement in their job, work long hours, but do not have a strict work schedule, they are all relatives, but they have difficulties in working together. Each collector gets what s/he produces, about R\$ 500,00 per month collecting 200 tons of recycleable solid waste. Due to these findings, some suggestions were offered to the two associations in order to improve their results.

**Key-words:** urban solid residues, association, income generation

# 1 INTRODUÇÃO

Até poucos séculos atrás, o lixo era constituído quase que exclusivamente de matéria orgânica - talos de verduras, cascas de frutas, etc. Além disso, as concentrações humanas, como as cidades, eram bem menores. Hoje, o mundo tem mais de seis bilhões de habitantes, que geram resíduos sólidos em quantidades colossais, e dos mais diversos tipos.

Segundo Baasch (1995, p.6), "não somente a concentração da população nas cidades, mas também o estilo de vida desta população, são os principais propulsores do caos no qual se encontra a situação dos resíduos urbanos".

A problemática dos resíduos sólidos urbanos está cada dia mais presente na vida da população. Basta um dia sem coleta convencional de lixo para que se instale uma situação altamente desagradável em termos visuais e também em relação ao mau cheiro, fazendo com que se tenha uma idéia do tamanho do problema que está sendo criado pelo homem e que atinge todo o planeta.

Este fato tem levado muitos órgãos municipais, associações e universidades espalhadas pelo Brasil, a pensarem em soluções viáveis para a questão dos resíduos sólidos, soluções estas que sejam criativas, práticas e operacionais, para tentar resolver ou minimizar tais problemas. A principal alternativa que se apresenta é a reciclagem.

A reciclagem de materiais usados vem se tornando uma prática cada vez mais comum. As pessoas começam a se conscientizar do quanto é importante

preservar os recursos naturais e assim garantir uma melhor qualidade de vida para a geração atual e também para as gerações futuras.

Nos últimos anos, tem-se observado o surgimento de várias associações e cooperativas ligadas à reciclagem no Brasil. Os excluídos do mundo do trabalho começam a poder estabelecer uma nova relação na sociedade, através da inserção econômica, possibilitada pela união de forças. Frente a uma economia que está em processo de profundas modificações em todo o mundo, as associações populares se constituem num importante caminho e têm como princípios básicos: a formação e qualificação do trabalhador e a equidade na distribuição dos recursos.

Quando se fala em lixo e reciclagem, as associações de catadores e triadores de resíduos sólidos são um exemplo importante. Além do plástico, do papel, do vidro e dos metais que separam, essas associações produzem emprego, renda, diminuição do volume de lixo em aterros sanitários, redução no desmatamento, menos lixo nos rios, dentre outros benefícios.

Neste sentido, esta pesquisa busca colocar em discussão a atuação de duas associações em Florianópolis, considerando as características individuais e mostrando os pontos fortes e fracos de cada uma delas. De imediato, pode-se dizer que as associações aqui estudadas prestam um grande serviço não só à Prefeitura, mas sobretudo ao planeta Terra.

## **1.1 Tema e problema da pesquisa**

O tema desta pesquisa é a análise da geração de renda de duas associações, através da triagem de resíduos sólidos urbanos de Florianópolis. São elas: a Associação de Recicladores Esperança – AREsp, e a Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis – Papeleiros.

Esta pesquisa pretende responder à seguinte questão: existe possibilidade das duas associações de triagem se expandirem, para que beneficiem ainda mais associados, e conseqüentemente, arrecadem um volume maior de resíduos recicláveis?

## **1.2 Objetivos**

Esta dissertação tem por objetivo analisar a geração de renda através de duas associações de triagem de resíduos sólidos urbanos de Florianópolis.

Através dos objetivos específicos, pretende-se:

- Verificar o potencial econômico, social e ambiental das associações estudadas;
- Descrever as características e particularidades de cada associação, destacando as principais dificuldades existentes;
- Apontar os resultados alcançados por estas associações até o momento;
- Contribuir com sugestões que possam ser colocadas em prática, visando a busca de melhores resultados pelas associações;

- Estimular a discussão em torno de projetos sociais ligados à reciclagem e geração de renda.

### **1.3 Justificativa**

A pesquisa se justifica por se tratar de um assunto muito em voga, pois todos nós habitamos o mesmo planeta e interessa a todos a busca de soluções para a questão do acúmulo de lixo. Neste sentido, as associações estudadas contribuem duplamente: reduzem o volume de lixo que vai para o aterro sanitário e geram renda com a venda do material reciclável, sustentando dezenas de famílias.

Outra questão importante é o canal de discussão que se abre em relação às associações atuantes na triagem de resíduos recicláveis. Observa-se um aumento do número de associações sendo criadas. Por outro lado, ainda não existe uma rede de contatos entre elas, como também são poucos os trabalhos e livros disponíveis sobre o assunto, o que dificulta a troca de informações. Neste sentido, esta pesquisa contribui como sendo uma fonte de consulta para outras associações similares, para que possam aproveitar ao máximo as informações relatadas nesta pesquisa.

Nesta visão, a pesquisa procura servir também como fonte de informação para trabalhos futuros nesta área. O assunto não foi esgotado, pelo contrário, a cada leitura mais e mais questionamentos podem surgir. Assim sendo, a pesquisa pode

servir de estímulo para que outros pesquisadores investiguem mais aprofundadamente a problemática dos resíduos sólidos e as suas complexidades.

#### **1.4 Metodologia e estrutura da dissertação**

A importância do ato de pesquisar está bem expressa nas palavras de Demo (2001, p.34): “é o processo de pesquisa que, na descoberta, questionando o saber vigente, acerta relações novas no dado e estabelece conhecimento novo. É a pesquisa que, na criação, questionando a situação vigente, sugere, pede, força o surgimento de alternativas”.

A metodologia tem um papel fundamental na pesquisa, pois é nela que se define *como* serão buscados os dados para responder ao problema em estudo.

Na sua abordagem, esta pesquisa se classifica como qualitativa, pois aprofunda-se no mundo dos significados e das ações, baseando-se nas pessoas que têm uma vinculação direta com as associações estudadas.

Conforme Minayo (2000, p.21):

A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis.

Cavalcanti (1995, p.287) destaca que "o método de pesquisa qualitativa propõe que o investigador veja o mundo através dos olhos dos atores sociais que



o integram, e dos significados que estes atribuem às situações sobre as quais agem".

Para a classificação da pesquisa, tomou-se como base a sistemática de Vergara (1997), que a qualifica quanto aos fins e meios.

Quanto aos fins, a pesquisa é descritiva, pois visa descrever idéias, sugestões e percepções das pessoas envolvidas nos projetos sociais de reciclagem estudados.

Quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica e participativa. Bibliográfica pela realização de uma investigação teórica do assunto, servindo de embasamento para confrontar com a realidade em estudo. Participativa por haver uma interação entre o pesquisador e as pessoas envolvidas nos projetos em estudo, com troca de idéias, objetivando a busca de resposta para o problema em estudo.

Esta dissertação está dividida em oito capítulos. O primeiro capítulo dá uma visão geral da situação dos resíduos no mundo, além de trazer o problema da pesquisa, os objetivos, a justificativa e a estrutura apresentada na seqüência.

Procedeu-se no segundo capítulo desta dissertação à revisão da literatura, considerando a problemática do lixo como um todo, e trazendo à tona a discussão acerca da reciclagem. Foram relatadas algumas experiências de coleta seletiva no Brasil, juntamente com a apresentação de associações ligadas à coleta. Abriu-se um espaço para falar daqueles que vivem do lixo, ou seja, os catadores em geral, além da situação dos lixões a céu aberto no Brasil. A economia solidária também foi estudada com atenção, sendo dividida entre a parte histórica e a parte das discussões em geral. Dentro do capítulo sobre economia solidária, foi aberto um

espaço para falar das associações, procurando diferenciá-las das cooperativas e mostrar algumas particularidades inerentes à sua formação. A revisão da literatura foi concluída com uma breve explanação sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos, que tramita no Congresso Nacional.

O procedimento metodológico utilizado para realizar a pesquisa de campo foi o estudo de caso, cujo detalhamento é feito no capítulo três, com a delimitação da pesquisa, tipos de coleta e análise dos dados.

No capítulo quatro são apresentadas as duas associações objetos do estudo de caso, com as características gerais de cada uma. No capítulo cinco foram citadas e analisadas as entrevistas, consideradas uma parte imprescindível da pesquisa, pela riqueza das informações prestadas pelos entrevistados.

Nos capítulos finais, são apresentados os resultados da pesquisa e sugeridos alguns caminhos que podem ser adotados para melhorar as associações. Além disso, são elencadas as referências bibliográficas utilizadas e os anexos do estudo.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Para se ter uma idéia da abrangência e importância do tema proposto nesta pesquisa, procurar-se-á mostrar neste capítulo, através da consulta bibliográfica a diversos autores, um pouco desse universo tão vasto e complexo, que é a situação dos resíduos no mundo.

Como será observado, alguns autores referem-se ao lixo como resíduos. Para efeitos de compreensão desta pesquisa, ambas as palavras serão usadas com o mesmo significado.

### 2.1 Considerações Gerais Sobre o Lixo

Conforme Baasch (1995, p.48):

Problemas com o manejo dos resíduos existem desde que os seres humanos passaram a se congregarem em tribos, vilas e comunidades e o acúmulo de resíduos tornou-se uma consequência da vida. O descarte dos resíduos nas ruas, terrenos baldios, etc, durante a Idade Média, provocou o aumento de ratos e, conseqüentemente, o aparecimento da peste bubônica, que dizimou metade dos europeus.

Nas palavras de Capra (1996, p.230):

O atual modelo de desenvolvimento tem nos levado a tratar o meio ambiente natural - a teia da vida - como se o mesmo consistisse em partes separadas, a serem exploradas comercialmente, em benefício próprio, por diferentes grupos. Além disso, estendemos essa visão fragmentada à

nossa sociedade humana, dividindo-a em outras tantas nações, raças, grupos religiosos e políticos. A crença nesses fragmentos alienou-nos da natureza e de nossos companheiros, e, dessa maneira, nos diminuiu.

Por sua vez, Schumacher (1977, p.257) expõe que "na excitação em torno do desenrolar de suas potencialidades científicas e técnicas, o homem moderno construiu um sistema de produção que violenta a natureza e um tipo de sociedade que mutila o homem".

Percebe-se que, a partir de uma idéia de crescimento e desenvolvimento da sociedade industrial (o modo de produção capitalista), começaram uma série de problemas ligados à degradação ambiental e também ligados à degradação do ser humano, que passa a enfrentar uma crise de identidade.

A Agenda 21(1996, p.433) que foi o documento surgido como um dos desdobramentos da ECO-RIO 92 – Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente, realizada no Rio de Janeiro no ano de 1992 - alerta para o seguinte fato:

Em meados do século XXI, mais de 2 bilhões de pessoas não terão acesso aos serviços sanitários básicos e metade da população urbana dos países em desenvolvimento não contarão com serviços adequados de depósito dos resíduos sólidos. Hoje, não menos de 5,2 milhões de pessoas, entre elas 4 milhões de crianças menores de 5 anos, morrem a cada ano devido às enfermidades relacionadas com os resíduos.

Segundo Theis (1996, p.54) “o processo de degradação ambiental foi amplamente acelerado com a Revolução Industrial e com a corrida pelo desenvolvimento econômico”.

Perin (1999, p.22) ressalta que:

O problema do lixo, associado à degradação ambiental, remonta ao final do século XVIII. Foi com o advento da Revolução Industrial – que marca o início da era capitalista moderna – que começaram a ser produzidas quantidades maiores de bens de consumo. Com o crescimento populacional das cidades da época, começaram a surgir as primeiras conseqüências notáveis em relação ao meio ambiente, como, por exemplo, poluição de rios e do ar. Porém, como a população mundial era bem menor, o problema passou despercebido por décadas.

De acordo com o Compromisso Empresarial de Reciclagem - CEMPRE (1996), a explosão do consumo (notadamente após a II Guerra Mundial) nos países desenvolvidos, nos setores de classe média e mesmo, de alguma forma, entre os segmentos mais pobres, tem produzido indicadores que revelam estar o problema muito longe de ser equacionado.

O agravamento do problema do lixo adquiriu proporções assustadoras nos últimos 50 anos. O aumento vertiginoso do consumo, notadamente nos países mais ricos, ocasionou um acúmulo de lixo como jamais visto. Existe uma demanda muito grande de alternativas para enfrentar esta situação.

Conforme Pereira & Santos (1998, p.25), “o acelerado crescimento populacional e o aumento da concentração urbana, o desenvolvimento industrial e tecnológico acelerado, e o modelo de produção e consumo vigentes têm ocasionado um aumento global na produção de lixo de 5% ao ano”.

A explosão do consumo é tão grande que a Agenda 21 (1996, p.420) alerta: a existência de padrões de produção e consumo não sustentáveis podem

quadruplicar ou quintuplicar até o ano 2025 a quantidade de resíduos produzidos no mundo.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Reinfeld (1994, p.78) afirma que:

O planeta está se tornando um enorme monte de entulho (...). Está-se tomando consciência agora, nos primórdios do século XXI, que a capacidade de aniquilar-se envolve o grande montão de lixo em que está-se transformando o mundo.

Observa-se que o problema é grave e requer um esforço contínuo na busca de soluções. Com a globalização e a conseqüente expansão dos mercados, a tendência é que a população dos países mais pobres passe a ter mais acesso aos bens de consumo. Tendo mais consumidores, ter-se-á uma quantidade maior de produtos e, conseqüentemente, montanhas de lixo ainda maiores (PERIN, 1999).

A título de complemento da idéia, cabe registrar a observação de Schumacher (apud Capra, p.172): "não é necessário mais do que um ato mínimo de discernimento para perceber que, num mundo finito, o crescimento infinito do consumo material é algo impossível".

O aumento no consumo de alimentos e bens se acentuou na segunda metade do século XX, com o crescente aumento da população, que deixou o campo em busca de trabalho e melhores condições de vida na cidade (JAMES, 1995).

Conforme destaca o autor, a migração de pessoas do campo para a cidade é um fator que contribui para o aumento da quantidade de lixo gerado.

Schumacher (1977, p.52) enfatiza que:

Na medida em que a modernização se refere às massas, os resultados apresentam-se desastrosos - um colapso da economia rural, uma maré ascendente de desemprego na cidade e no campo, e o crescimento dum proletariado urbano sem alimento para o corpo ou para a alma.

Nos países em desenvolvimento, a cada dia aumenta o número de pessoas vivendo em situações degradantes, amontoadas nos subúrbios das grandes cidades, sofrendo de toda sorte de ameaças.

Analisando o relacionamento que o homem tem com o planeta em que vive, Schumacher (1977, p.12) afirma que:

O homem moderno não se experiencia a si mesmo como uma parte da natureza, mas como uma força exterior destinada a dominá-la e a conquistá-la. Ele fala mesmo de uma batalha contra a natureza, esquecendo que, se ganhar a batalha, estará do lado perdedor.

Mais adiante, Schumacher continua sua análise levantando uma importante questão: qual é a vantagem do progresso econômico, de um mais elevado padrão de vida, quando a Terra, a única Terra que temos, está sendo contaminada por substâncias que podem causar deformações em nossos filhos e netos? (1977, p.125).

Observa-se que a necessidade imediata de obtenção de lucros fáceis e abundantes, acaba levando as preocupações ambientais a um segundo plano, o que está arruinando com o planeta. Falta a tomada de consciência por parte dos comandantes do mundo, e falta também uma maior pressão da sociedade, pois, se não forem tomadas medidas sérias e abrangentes, o mundo pode acabar, e da maneira mais estúpida possível, que é a omissão em se fazer alguma coisa.

Feito esse apanhado geral da situação mundial no tocante aos resíduos sólidos, busca-se agora mostrar como está a questão do lixo no Brasil.

## 2.2 Alguns dados sobre o Brasil

Atualmente, segundo Abreu (2001, p.18), no Brasil, “cada pessoa gera, durante toda a vida, uma média de 25 toneladas de lixo. Considerando que o Brasil já tem mais de 170 milhões de habitantes, pode-se ter uma idéia do que isso representa.

Na tabela a seguir, é apresentado o número de municípios por região do país, em relação ao percentual de coleta de lixo convencional.

Tabela 1 – Quantidade de Municípios no Brasil com Lixo Coletado

Região	% Coletado						
	Até 50	50 a 70	70 a 80	80 a 90	90 a 99	100	Ñ Sabe
Norte	66	139	99	74	18	33	16
Nordeste	241	357	329	306	131	345	60
Sudeste	28	84	163	270	190	854	77
Sul	148	127	132	202	134	367	39
Centro-Oeste	6	21	48	102	52	215	2
<b>Total Municípios</b>	<b>489</b>	<b>728</b>	<b>771</b>	<b>954</b>	<b>525</b>	<b>1.814</b>	<b>194</b>

Fonte: IBGE, 2000.

Pode-se observar que, dos 5.475 municípios brasileiros pesquisados, apenas um terço deles (1.814 municípios) apresentam coleta convencional em 100% da cidade. Quer dizer, a grande maioria das prefeituras ainda não conseguiram alcançar todos os bairros da cidade, no tocante ao lixo.



Tabela 2 – Quantidade de Lixo Diário e Destino Final

Região	Toneladas Diárias				
	<i>Lixão</i>	<i>Aterros</i>	<i>Triagem/comp.</i>	<i>Incinerado</i>	<i>Outros Locais</i>
Norte	6.335,30	4.602,70	5	8,10	116
Nordeste	20.088,50	21.102	166,50	22,40	178,40
Sudeste	13.842,50	118.393,70	6.700,80	945,20	1.734,60
Sul	5.149	12.879,90	1.179,80	30,10	636
Centro-Oeste	3.139	10.237,50	762,60	26	131,40
<b>Total (t/dia)</b>	<b>48.554,30</b>	<b>167.215,80</b>	<b>8.814,70</b>	<b>1.031,80</b>	<b>2.796,40</b>

Fonte: IBGE, 2000.

Na tabela 2, é analisada a quantidade diária de lixo coletado por região do Brasil, e o respectivo destino. Pelos números da tabela percebe-se que, das 228.413 toneladas de lixo coletadas diariamente no Brasil, no ano 2000, mais de 20% (48.554,30 toneladas) teve como destino final o lixão a céu aberto. Por outro lado, menos de 4% do lixo coletado foi reciclado, seja pela triagem, como pela compostagem.

Pelos números apresentados, é possível imaginar o quanto o Brasil necessita evoluir, quando o assunto é coleta e destinação do lixo.

### 2.3 Conceituando o Lixo e a Reciclagem

Pelos motivos e dados expostos anteriormente, tem aumentado o número de pesquisadores preocupados com os problemas relacionados aos resíduos sólidos, um dos principais desafios deste novo século. A seguir, são apresentadas algumas definições de lixo e resíduos sólidos.

Fellenberg (1980, p.111) define lixo como sendo “todos os detritos sólidos e pastosos, produzidos por atividades do homem”.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (1986), através da NBR 10004, define resíduos sólidos como sendo “resíduos nos estados sólidos e semi-sólidos, que resultam de atividades da comunidade de origem: industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição”.

Uma definição mais direta e sucinta é dada por Bartone (apud Machado, 1995, p.7) que comenta que os resíduos são recursos que estão no lugar errado e na hora errada. Geralmente eles são descartados, pois cessam de ter valor para o seu proprietário; contudo, podem ter valor para outros.

Conforme o CEMPRE (2003):

A análise do ciclo de vida de um produto ou serviço compatibiliza os impactos ambientais decorrentes de todas as etapas envolvidas: desde sua concepção mercadológica, planejamento, extração e uso de matérias-primas, gasto de energia, transformação industrial, transporte, consumo, até seu destino final – disposição em aterro sanitário, reciclagem, compostagem ou incineração.

A ideologia dominante hoje no mundo é aquela, segundo a qual, quanto maior o consumo, melhor para todos. Entretanto, não é necessário ser um *expert* no assunto para saber que se vive num mundo com recursos limitados. Simplesmente não se pode aumentar o consumo de tudo indefinidamente.

Conforme Baasch (1995, p.56), "a prevenção hoje se coloca como prioritária e urgente. E prevenir em lixo significa lidar com estilo de vida e educação".

Antes de falar da reciclagem, abre-se um espaço para destacar os outros 2R's: reduzir e reutilizar.

Reduzir é necessário e é o primeiro passo. Mas, por mais que se reduza, ainda se estará consumindo ou levando para casa coisas que não se pode consumir, e que costumam acabar no lixo.

Então, precisa-se buscar evitar que isso ocorra. É muito caro para todos jogar coisas no lixo. Portanto, se tiver que levar algo para casa e não puder reduzir aquele item, aí deve-se aplicar a segunda regra, que é reutilizar.

Finalmente, aquilo que não se pode reduzir, nem reutilizar, deve ser reciclado. Adota-se aqui a definição de reciclagem de Fialho (1996, p.22):“ é a reintrodução de produtos finais, subprodutos e resíduos em qualquer estágio do fluxo, que vai desde o recurso material até o consumo final, em um novo ciclo de produção – consumo”. A triagem, por sua vez, é a seleção, escolha, separação dos materiais recicláveis.

Conforme destaca Reinfeld (1994, p.137) “há muitas razões pelas quais as pessoas reciclam. Alguns fazem-no por razões econômicas; outros são fortemente motivados a limpar o meio ambiente; e há ainda aqueles que acham que é um dever cívico”.

Sabe-se que o mundo da reciclagem engloba uma série de fatores, dentre eles, os de ordem social, econômica e ambiental. A seguir, será feita uma discussão mais aprofundada sobre a reciclagem.

## 2.4 Discutindo o Lixo e a Reciclagem

A reciclagem começou a ganhar impulso mais notável com a implantação de programas de coleta seletiva.

Conforme relato de Calderoni (1997, p.140), “a coleta seletiva iniciou oficialmente na Itália, no ano de 1941, em grande parte como decorrência das dificuldades acarretadas pela Segunda Guerra Mundial”.

A primeira experiência sistemática de coleta seletiva de lixo realizada no Brasil foi implantada na cidade de Niterói, no bairro de São Francisco (Idem, p.141).

O maior exemplo de reciclagem vem da própria natureza, como lembra Capra (1996, p.147):

Todos os organismos de um ecossistema produzem resíduos, mas o que é resíduo para uma espécie é alimento para outra, de modo que os resíduos são continuamente reciclados e o ecossistema como um todo geralmente permanece isento de resíduos.

A natureza é perfeita. Se o homem conseguisse trilhar seu caminho, se preocupando mais com os rastros de destruição causados - que acabam interferindo no ciclo de vida do planeta - certamente ter-se-ia uma outra realidade.

Schumacher (apud Capra, p.178) ensina que isso é possível ao afirmar que "tudo aquilo que as pessoas realmente necessitam pode ser produzido de maneira muito simples e eficiente, em pequena escala, com pouquíssimo capital inicial e sem violência contra o meio ambiente".

Mas como a realidade que se apresenta não está nem um pouco em dia com a natureza, segue-se na discussão da reciclagem.

Abreu (2001, p.26) destaca que:

No Brasil, o lixo domiciliar urbano é composto na sua maioria por materiais orgânicos biodegradáveis ou compostáveis – 65 a 70% do total. Os materiais recicláveis compõem de 25 a 30% do peso total do lixo. Assim, somente 5% da massa total dos resíduos urbanos caracterizam-se como rejeitos e poderiam ser de fato designados como lixo, por não serem passíveis de reciclagem, reuso ou compostagem.

Segundo Calderoni (1997, p.281):

A economia possível através da reciclagem do lixo no ano de 1996 no Brasil, pode ser estimada em, ao menos, R\$ 5,8 bilhões. Deste total, foi obtida economia de R\$ 1,2 bilhões, tendo sido perdidos, pela não reciclagem, R\$ 4,6 bilhões.

Isso significa que existe um potencial enorme de crescimento para a reciclagem. Está-se dando ainda os primeiros passos na questão. As associações de catadores e triadores são exemplos nessa direção, e percebe-se que há um vasto campo a ser explorado.

A reciclagem deve ser precedida por um sério programa de reavaliação dos comportamentos de consumo, de maneira que a comunidade envolvida perceba cada vez mais claramente o impacto de cada uma das suas escolhas individuais e também o impacto de suas ações quanto às sobras do consumo.

Segundo Baasch (1995, p.55):

A crise dos resíduos tem se intensificado à medida que as decisões vêm sendo tomadas, baseadas, principalmente, nos indicadores técnicos, econômicos e financeiros, isoladamente. Por outro lado, o interesse do público nessas questões não vai além da sua lata de lixo, ao mesmo tempo em que não confia nos órgãos públicos.

Conforme destaca Capra (1988, p.229) normalmente "as pessoas não querem ter seu estilo de vida examinado. Não querem ser confrontadas com seu próprio comportamento doentio".

Por sua vez, Berna (2001) aponta que:

A população considera lixo como uma coisa suja e que deve ser colocada no lugar mais longe possível, num canto qualquer, distante de tudo. Por outro lado, a população não colabora com a limpeza da cidade, pois costuma achar que as ruas e praças são terras de ninguém, não têm dono, e portanto pode-se jogar papel de bala, de sorvete, no chão sem nenhum problema.

Segundo Eigenheer (1999, p.48):

É do conhecimento público que as trágicas enchentes que castigam inúmeras metrópoles brasileiras no verão têm relação com o lixo não coletado e destinado inadequadamente pela população. Tais resíduos, principalmente os plásticos, acabam obstruindo galerias e canais, causando enormes prejuízos materiais e humanos.

Esta citação serve para reforçar o descaso de muitas pessoas com relação ao lixo. São gestos como o de jogar o lixo na rua, ou em qualquer lugar que não seja a lixeira, que mostra o quanto ainda se precisa caminhar quando se fala em

educação ambiental. A maioria das pessoas que agem dessa forma, o fazem por não ter consciência dos males que isso poderá causar.

Henderson (apud Capra, p.235) aponta que:

Podemos encontrar a máxima 'faça o que digo, não o que faço' na educação, na tecnologia e em toda a parte. Por exemplo, para ser um ecologista sério, também é preciso separar o seu lixo, desligar as luzes e praticar a simplicidade voluntária.

Portanto, não basta um belo discurso ecológico. É preciso dar o exemplo, e procurar viver de uma forma coerente com o discurso, de maneira a facilitar a proliferação da idéia de preservação da natureza.

Abreu (2001, p.27) relata que:

No mundo inteiro, a nova ordem é minimizar o lixo. No Brasil, essa questão foi mais difundida com a Agenda 21, documento elaborado por mais de 170 países que participaram da ECO-92 no Rio de Janeiro. Nesse documento, foi estabelecido o princípio dos 3Rs: Reduzir o consumo de produtos e o desperdício de materiais; Reutilizar e Reciclar os materiais. Implantar o primeiro 'R' é um grande desafio, porque significa interferir na sensação de liberdade e de felicidade das pessoas ou mesmo do poder pessoal que advém com o direito de consumir quanto quiser.

Este questionamento serve principalmente para destacar que, apesar de ser divulgado que é necessário reduzir, reutilizar, reciclar (3R's), na prática vê-se que a importância maior e quase que única está sendo dada para o ato de reciclar.

Blauth (1998, p.175) levanta uma importante questão:

Afinal, o que é mais 'ecológico': reciclar o lixo ou evitar sua produção? O processo de estímulo da reciclagem como solução para os males do

consumismo contemporâneo, quando desvinculado das noções de redução e de reutilização, pode servir para legitimar o desperdício.

É evidente que a solução não está na reciclagem pura e simplesmente, mas sim numa reflexão crítica sobre os hábitos de consumo. Só se produz aquilo que tem um mercado consumidor, mesmo sendo um produto supérfluo. Além do mais, muitas vezes o produto vem com três ou quatro embalagens diferentes, sendo que uma única já estaria de bom tamanho.

Complementando, Henderson (apud Capra, p.193) expõe que "a economia glorificou algumas de nossas predisposições menos louváveis: cobiça material, competitividade, gula, orgulho, egoísmo, imprevidência e ganância pura e simples.

Illich (apud Cavalcanti, p.118) ressalta que "a crise ecológica é apenas uma das facetas de uma crise mais geral da sociedade industrial, englobando a crise social, econômica, político-ideológica e moral".

Como destaca o autor, a crise ecológica é reflexo do atual modelo de desenvolvimento, que está em crise, sendo cada dia mais questionado, por não estar atendendo aos anseios da sociedade.

Cavalcanti (1995, p.122) observa que:

Longe de buscar a satisfação das necessidades, o capitalismo se sustenta justamente pela busca constante de criar e suscitar novas necessidades, única forma pela qual o excedente gerado na produção pode realizar-se no mercado. A produção crescente exige um consumo crescente, ou seja: necessidades continuamente insatisfeitas.

Nascimento (2001) explica que, nasce então uma nova fórmula de sustentação desse processo: através da propaganda são continuamente geradas novas



necessidades que são supridas pela indústria, comércio ou serviços. É a poderosa sociedade de consumo firmemente estabelecida na sociedade moderna.

Como se pode observar, e conforme já exposto anteriormente, o problema da geração de lixo na sociedade moderna está intimamente ligado ao sistema capitalista de produção. Portanto, pode-se dizer que o combate ao consumismo está indo de encontro aos próprios interesses do capital. Este parece ser o grande desafio: como não se deixar levar por esse modelo predatório de civilização.

Mance (1999, p.29) levanta a bandeira do consumo solidário como sendo uma das saídas para a sociedade em que se vive. Segundo ele:

O consumo solidário ocorre quando a seleção do que consumimos é feita não apenas considerando o nosso bem-viver pessoal, mas igualmente o bem-viver coletivo. Esse tipo de conduta somente se torna possível quando as pessoas compreendem que a produção encontra sua finalidade – ou seu acabamento – no consumo, e que ele tem o impacto sobre todo o ecossistema e sobre a sociedade em geral.

Observa-se que esta idéia requer um grande amadurecimento na sociedade, o que demanda muito tempo trabalhando os aspectos da educação ambiental, para vir a formar uma consciência coletiva de consumo.

A seguir, passa-se a relatar algumas experiências de coleta seletiva e/ou associações ligadas ao lixo.

## **2.5 Coleta seletiva e associações: algumas experiências brasileiras**

Depois de feita a discussão em torno do lixo e da reciclagem, parte-se agora para a apresentação de alguns casos de coleta seletiva, com a atuação de associações como parceiras do poder público. Serão apresentados como exemplos, as cidades de: Florianópolis, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte e São Paulo.

### **2.5.1 Florianópolis**

Conforme a PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS (2002), a cidade produz normalmente cerca de 280 toneladas de lixo por dia, sendo que durante a temporada de verão a produção de resíduos eleva-se para 390 toneladas diárias. Atualmente, 90% da população é atendida pela coleta de lixo.

O lixo doméstico gerado no município é coletado pela Companhia de Melhoramentos da Capital – COMCAP e disposto na estação de transbordo do bairro Itacorubi, de onde é transportado por uma empresa privada para o aterro sanitário no município de Biguaçu. A partir de janeiro de 1998, a coleta de lixo no Sul da Ilha foi terceirizada, passando a ser realizada pela Empresa SLC – Construção de Serviços Ltda., representando 8,71% do total da coleta convencional.

Tabela 3 - Lixo coletado pela Comcap em Florianópolis - 2001

<b>Mês</b>	<b>Convencional</b>	<b>Seletivo</b>	<b>Cx. Brooks</b>	<b>Lixo Pesado</b>	<b>Total</b>
<b>JAN</b>	11.438,18	202,41	590,32	---	12.230,91
<b>FEV</b>	9.593,83	178,19	570,51	---	10.342,53
<b>MAR</b>	9.297,13	210,01	495,07	---	10.002,21
<b>ABR</b>	7.822,53	195,41	429,11	318,60	8.765,65
<b>MAI</b>	7.768,58	230,33	389,77	283,20	8.671,88
<b>JUN</b>	7.364,61	198,43	346,71	218,30	8.128,05
<b>JUL</b>	7.636,52	207,41	349,21	212,40	8.405,54
<b>AGO</b>	7.687,75	240,39	345,38	163,10	8.436,62
<b>SET</b>	7.126,04	207,31	307,35	59,40	7.700,10
<b>OUT</b>	8.249,66	217,43	376,31	68,20	8.911,60
<b>NOV</b>	7.913,20	201,48	334,25	35,80	8.484,73
<b>DEZ</b>	9.462,82	234,75	367,40	---	10.066,97
<b>TOTAL</b>	<b>101.362,85</b>	<b>2.523,55</b>	<b>4.901,39</b>	<b>1.359,00</b>	<b>110.146,79</b>

Fonte: COMCAP (Prefeitura de Florianópolis, 2002).

Através da observação dos dados acima, pode-se perceber o considerável aumento da quantidade de lixo produzido no verão, em função do aumento populacional, ocasionado pelos turistas.

Analisando a tabela, no ano de 2001, aproximadamente 2,3% do lixo recolhido foi proveniente da coleta seletiva, ou seja, foi reciclado. Média mensal de 210 toneladas.

Observa-se também que em 2001 foi coletado uma média mensal de 9.178 toneladas de lixo em Florianópolis.

O lixo recolhido na coleta seletiva têm dois destinos: uma parte é vendido e a outra parte é doado para a AREsp, que faz a triagem e depois vende, conforme será visto no decorrer do trabalho.

## 2.5.2 Porto Alegre

Segundo a PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (2002):

Eis a situação de Porto Alegre em 1990: dois aterros a céu aberto, um interdito e outro completamente saturado, onde 600 catadores se acotovelavam entre tratores e caminhões. A competição pelos resíduos era tamanha que estimulava a violência e a criminalidade.

Na época, a prefeitura da capital gaúcha chegou até a decretar “estado de calamidade pública”. Mas também tomou outra medida: implantou a coleta seletiva.

Conforme Vilas & Sampaio (2002):

Doze anos depois, a situação é outra. Há dez galpões de triagem – um deles, inclusive, dentro de um hospital psiquiátrico. Neles, trabalham 500 pessoas que separam e prensam todo o lixo seco recolhido por cerca de 1.100 catadores e pela Prefeitura. Todo o rendimento proveniente da venda dos materiais separados reverte-se em renda para os recicladores de cada galpão, que constituem diferentes associações. Atualmente, o rendimento aproxima-se de R\$ 300,00/mês por associado.

Tabela 4 - Composição dos resíduos em Porto Alegre/RS

<b>Componente</b>	<b>% (em peso)</b>
Material orgânico	52%
Papéis	10%
Plásticos	10%
Papelão	3%
Latas	2%
Tetrapak	2%
Vidro	2%
Outros	9%
Rejeito	10%

Fonte: DMLU

Porto Alegre conta ainda com 28 postos de entrega voluntária, lixo esse que também vai para os galpões de reciclagem.

Mais da metade da população portoalegrense separa o lixo em casa e os 150 bairros e vilas são atendidos pelo serviço municipal de coleta seletiva.

A média diária de lixo reciclável coletado gira em torno de 60 toneladas, representando aproximadamente 20% do total de lixo seco gerado na cidade.

### 2.5.3 Curitiba

Conforme Vilas & Sampaio (2002), em Curitiba, a coleta seletiva também já não é novidade para os moradores. Há um aterro sanitário, uma vala para lixo tóxico, uma cooperativa de carrinheiros (como são chamados os catadores por lá) e uma associação para separar e vender os rejeitos.

Em 1989, a prefeitura implantou a coleta seletiva do lixo doméstico com a campanha “O lixo que não é lixo”.

No mesmo ano, foi lançado o programa “Compra do Lixo”, direcionado às populações carentes que moram em locais onde caminhões de coleta não chegam. O lixo é trocado por produtos hortigranjeiros. É um projeto social que tem o objetivo de amenizar a subnutrição da população e evitar o acúmulo de lixo a céu aberto. Concretamente, a prefeitura cede e instala uma caçamba para o recolhimento dos sacos de lixo, que são distribuídos entre os habitantes de 39 comunidades participantes em um programa de educação ambiental. Esse

programa beneficia mais de 21 mil pessoas que recebem sacolas com ovos, maçãs, arroz, feijão, mel, batatas, etc.

Nas residências dos bairros centrais, os catadores ajudam a recolher o lixo já separado. Todos são cadastrados, trabalham com luvas, máscaras e uniformes. O lixo é levado para a Usina de Valorização de Rejeitos, onde 75 funcionários separam e prensam os materiais. No galpão, há um museu com peças antigas e uma biblioteca com mais de três mil livros que foram recolhidos do lixo e restaurados.

A coleta convencional de Curitiba em 2001 atingiu a impressionante marca de 378 mil toneladas. Os dados mensais encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 5 – Quantidade de resíduos domiciliares coletados em Curitiba (ano 2001)

<b>Mês</b>	<b>Quantidade (Ton.)</b>
Janeiro	33.132,72
Fevereiro	30.772,18
Março	33.875,58
Abril	28.945,84
Maio	30.868,01
Junho	30.750,46
Julho	31.443,98
Agosto	31.353,54
Setembro	29.220,71
Outubro	33.405,61
Novembro	31.546,93
Dezembro	33.675,75
<b>TOTAL</b>	<b>378.991,31</b>

Fonte: P.M.C., ano 2001. Citado por Takeda (2003).

Cerca de 20% do lixo é reciclado e 75% da população separa em casa os resíduos sólidos dos orgânicos.

Conforme Takeda (2003, p.128), atualmente:

Os coletores de material reciclável são em número de 2.769 e obtém o seu rendimento mensal através da coleta seletiva. A mobilização comunitária para a implantação do projeto de coleta seletiva e a mobilização das demais pessoas que vivem indiretamente da coleta, foi imprescindível para o sucesso desses programas em Curitiba.

#### 2.5.4 Belo Horizonte

Segundo a PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE (2002):

Na cidade, os catadores trabalhavam dispersos e não eram reconhecidos. Como não dispunham de um local adequado para a triagem dos recicláveis coletados, os catadores ocupavam as calçadas, causando enormes problemas à manutenção da limpeza pública. Isso atraía a atenção da fiscalização da prefeitura que sempre apreendia seus materiais e seus carrinhos. Sem uma organização representativa, os catadores se ligavam aos depósitos numa relação de dependência e exploração.

Essa situação começou a mudar no final da década de 80, através de um trabalho sócio-pedagógico desenvolvido pela Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte. Essa entidade tomou a rua como ponto de partida para encontros, reuniões e celebrações que possibilitaram a reflexão e a discussão coletiva, constituindo a semente de uma associação representativa dos catadores de papel. Assim, em 1º de maio de 1990, foi fundada a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitáveis – Asmare.

A entidade conta hoje com 380 associados e 35 funcionários. A Asmare já cadastrou 85 condomínios de prédios na capital mineira onde é feita a coleta seletiva do lixo.

A Asmare recolhe por mês cerca de 600 toneladas de lixo, que é separado, embalado e estocado no galpão da mesma e depois é comercializado para a indústria de reciclagem. Um associado chega a receber até R\$ 300,00 por mês catando cerca de sete toneladas de lixo.

O recolhimento dos recicláveis é feito de forma mista: coleta mecanizada, feita pela Secretaria de Limpeza Urbana – SLU e Asmare nos Locais de Entrega Voluntária – LEVs, e coleta com carrinhos de tração humana feita individualmente pelo catador em estabelecimentos comerciais, instituições públicas e privadas, principalmente na área central de Belo Horizonte.

#### 2.5.5 São Paulo – SP

A maior cidade da América Latina produz cerca de 15 mil toneladas de lixo por dia, quantidade suficiente para encher o Estádio do Pacaembu. Desse total, apenas uma pequena parte (0,03%) do lixo é reciclado. E isso graças, sobretudo, aos catadores.

Conforme o UNIVERSO ON LINE (2002):

Experiência pioneira e bem-sucedida é a da Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis (Coopamare). Em 1989, com a ajuda da Organização de Auxílio Fraternal (OAF), um



grupo de 20 moradores de rua criaram a cooperativa. Esse número aumentou e a experiência se espalhou para outras cidades.

A prefeitura cedeu a eles o espaço sob o viaduto Paulo VI, em Pinheiros, onde hoje se localiza a Coopamare, e promulgou um decreto municipal que reconhece o trabalho do catador como atividade profissional e garante o direito ao trabalho. Os catadores receberam curso de capacitação e foi firmado convênio para remuneração da diretoria pelos serviços prestados à Coopamare. Assim estruturados, os catadores ganharam legitimidade junto a fabricantes e intermediários, e maior visibilidade junto aos comerciantes, donas de casa, empresas e a população em geral.

Conforme Vilas & Sampaio (2002), atualmente, a cooperativa conta com 80 catadores, entre cooperados e associados, e com 120 catadores avulsos, que passam por lá todos os dias. Desenvolve projetos, dá cursos aos cooperados, procura sempre mais parceiros, orientados pelo principal objetivo: valorizar a profissão de catador.

Os catadores associados são aqueles que simplesmente vendem o seu material na Coopamare.

A Coopamare – maior entre as cerca de 20 cooperativas paulistanas – comprou um caminhão e uma prensa com empréstimo a longo prazo do Banco Nacional do Desenvolvimento Social – BNDES. Mas enfrenta a perda de receita causada pelos atravessadores que se colocam entre a usina de separação e a indústria. “Aqui, quem tem que ganhar é o catador. Ele tem que se sentir profissional. Nosso objetivo é vender os produtos direto para a indústria, sem

passar pelos atravessadores. Hoje, isso só acontece com o papel que vai para a indústria Suzano. A tonelada do papel é vendida por 159 reais para a indústria e por 80 reais para os atravessadores”, explica o presidente da Coopamare, Eduardo Ferreira de Paula.

Mesmo assim, os cooperados e associados conseguem uma renda que varia entre um e dois salários mínimos por mês e escapam da miséria. Para os cooperados, no final de cada ano, acontece a divisão das sobras, o que garante um ganho extra. Atualmente, a Coopamare recolhe 250 toneladas de materiais recicláveis por mês, na Zona Oeste da cidade de São Paulo.

A seguir, passa-se a discutir um pouco sobre as pessoas que tiram seu sustento do lixo, os catadores.

## **2.6 Sobre os que vivem do lixo**

A importância de se falar um pouco sobre os catadores está no fato das duas associações estudadas terem sido formadas por catadores, que anteriormente trabalhavam de forma autônoma.

Bursztyn (2000, p.69) menciona o seguinte:

No mundo do trabalho, um contingente cada vez maior de pessoas transforma-se de exército de reserva em lixo industrial – não apenas não têm trabalho ou capacidade de gerar renda suficiente, como não têm as qualidades requeridas para nele ingressar.

Este é um dos principais dramas da sociedade atual: a exclusão de trabalhadores, que por diversos motivos não conseguem acompanhar o ritmo de evolução do mercado de trabalho, o qual oferece cada vez menos vagas.

Referindo-se a esta situação, Schumacher (1977, p.193) lembra que "a maior privação que alguém pode sofrer é não ter oportunidade alguma de cuidar de si mesmo e providenciar seu próprio ganha-pão".

Os catadores já estão engajadas na engrenagem de funcionamento das cidades e o que é mais importante, estão gerando renda, ao mesmo tempo em que estão prestando um grande serviço ao meio ambiente.

Bursztyn (2000, p.251) destaca que:

Os catadores de materiais recicláveis têm uma dupla função ambiental: reduzem a pressão sobre o meio, resultante da descarga de materiais não degradáveis ou de difícil degradação; e contribuem para uma redução na demanda relativa de recursos naturais.

Neste sentido, quanto mais lixo reciclável é recolhido, menos recursos naturais são utilizados para a fabricação de novos produtos, pois o lixo reciclado retorna à cadeia de produção. Além do mais, a catação reduz o volume de lixo que vai parar nos terrenos baldios, ou mesmo nos bueiros e riachos das cidades e também reduz os gastos das prefeituras com a coleta convencional e respectiva destinação final.

Conforme menciona Abreu (2001, p.19):

A catação de alimentos e de materiais para comercialização acontece nas calçadas das cidades brasileiras por catadores de rua – homens, mulheres

e crianças – que interferem, diariamente no ciclo da limpeza urbana, interceptando materiais que seriam levados aos lixões ou aos aterros.

É corriqueiro encontrar pessoas recolhendo materiais nas ruas, principalmente latas de alumínio e papéis em geral. Às vezes, são encontradas pessoas recolhendo alimentos. Neste caso, são pessoas que se encontram em situações extremas, lutando contra a fome, uma das piores privações que um ser humano pode enfrentar.

Conforme expõe Bursztyn (2000, p.210), “a remuneração dos catadores está acima do salário mínimo oficial brasileiro. Ser catador, portanto, continua a ser uma das mais acessíveis formas de se vencer no mundo da rua”. Portanto, na sua maioria, os catadores conseguem se sustentar vivendo do seu trabalho.

Os catadores de materiais recicláveis possuem importantes características necessárias ao mundo do trabalho da pós-modernidade. São ecléticos, versáteis, dependem pouco da proteção pública e se auto-empregam (Idem, p.251).

Olhando por esse prisma, os catadores têm uma vantagem que poucos que trabalham no mercado formal usufruem: a liberdade de ação. Eles mesmo estabelecem os horários que querem trabalhar, o local, e até mesmo qual reciclável querem recolher, além de escolherem para quem vender o produto do seu trabalho.

Segundo Abreu (2001, p.30):

Deve-se ter respeito à capacidade dos próprios catadores para gerar trabalho e renda e novas condições de vida a partir da experiência construída por eles mesmos, traçando com eles as saídas para a situação

de exclusão social. Rompe-se, assim, com a concepção invalidante da prática assistencialista, construindo um novo pensamento e prática no trato da exclusão social, com a participação autônoma dos atores diretamente envolvidos.

É preciso organizar os catadores para que eles tenham mais força, para que possam auferir mais ganhos e também para que não haja competição entre eles, mas sim que todos trabalhem em prol do grupo. Mais importante do que dar o peixe, é ensinar a pescar.

No Programa Nacional Lixo & Cidadania , a organização dos catadores é considerada uma necessidade prática, não apenas do ponto de vista de promoção da cidadania, mas voltada também para a ação cooperativista que valorize esses profissionais da coleta seletiva como agentes ambientais e econômicos (Idem).

A organização dos catadores em associações e cooperativas, possibilita que eles tenham mais força e também mais material para barganhar preços, pois, segundo Eigenheer (1999, p.45):

Os intermediários e a indústria costumam pagar o que lhes convém, já que as desigualdades sociais garantem a disponibilidade de milhares de pessoas (sem proteção trabalhista) para a tarefa de abastecer o mercado de materiais recicláveis.

Outro problema enfrentado pelos catadores é quando a oferta é maior do que a procura. Pereira & Santos (1998, p.32) lembram que:

A separação de materiais do lixo aumenta a oferta de materiais recicláveis. Entretanto, se não houver demanda por parte da sociedade, de produtos

reciclados, o processo é interrompido, os materiais abarrotam os depósitos e, por fim, são aterrados ou incinerados como rejeitos.

Esse risco sempre existe, principalmente no estágio de globalização em que se encontra o mundo, onde a quebra inesperada de uma bolsa de valores, geralmente detona um efeito cascata nas demais bolsas de valores mundo afora. Mas são acontecimentos passageiros, e quando os catadores estão organizados e têm um volume considerável de reciclados a oferecer, os próprios compradores desse material se encarregam de "segurar a barra". Por outro lado, quando os catadores agem isoladamente, não conseguem um bom preço, por ser uma quantidade pequena.

Quando se fala dos que vivem do lixo, não se pode deixar de mencionar a situação dos lixões a céu aberto. É por isso que, a seguir, será aberto um pequeno espaço para tratar do assunto, que é bastante problemático no Brasil, e afeta principalmente as crianças.

### 2.6.1 Os lixões a céu aberto

Conforme cita Abreu (2001, p.15):

Em Junho de 1999 foi lançada a campanha 'Criança no lixo, nunca mais', pelo Fórum Nacional Lixo & Cidadania, com o objetivo de erradicar o trabalho infantil no lixo em todo o Brasil, propiciando a inclusão social, com cidadania, das crianças que trabalham no lixo; a geração de renda para as famílias de catadores; e a mudança radical na destinação final do lixo, acabando definitivamente com os lixões a céu aberto.

Estimativas do UNICEF baseadas em pesquisas da 'Água e Vida' de 1998 e do Fórum Nacional Lixo e Cidadania de 1999, revelam que:

São cerca de 45 mil crianças e adolescentes vivendo e trabalhando nos lixões espalhados pelo país. O lixo é sua sala de aula, seu parque de diversão, sua alimentação e sua fonte de renda. Ganham de R\$ 1 a R\$ 6 por dia, mas o trabalho que fazem é fundamental para aumentar a renda de suas famílias (Idem, p.13).

Bastos (1999, p.4) destaca que:

Ao lidar com restos de comida, cacos de vidro, ferros retorcidos, plásticos pontiagudos e despejos com resíduos químicos, as crianças sofrem de diarreias, tétano, febre tifóide, tuberculose, doenças gástricas e leptospirose, doenças que, em situações normais, não existiriam ou seriam facilmente evitadas com vacinas e cuidados simples.

Esta situação é, acima de tudo, muito triste. O País ter crianças atuando nos lixões, ficando vulneráveis a todas essas doenças e muitas vezes disputando comida com os urubus, é chocante. Principalmente porque o Brasil produz alimentos em abundância, o que torna o fato ainda mais inaceitável. Espera-se que esta campanha dê resultados, e que se possa dar a essas crianças e seus familiares uma vida mais digna.

Nesse sentido, Abreu (2001, p.17) lembra que:

O Fórum Nacional Lixo & Cidadania enviou, para todos os 5.507 prefeitos dos municípios existentes à época, um questionário sobre a situação da limpeza urbana nos municípios e um 'Termo de Intenção' para o governante aderir à campanha. Na ocasião, 30% dos prefeitos assinaram o Termo.

Espera-se que as prefeituras possam se empenhar efetivamente para resolver este problema, que é mais um capítulo triste desse imenso Brasil. A saída para se resolver o problema dos lixões é a implantação da coleta seletiva nos municípios que ainda não implantaram, com estímulo e suporte à formação de cooperativas e associações dos catadores que atualmente atuam nos lixões, para que eles possam receber os recicláveis provenientes da coleta seletiva, proceder à triagem final e posterior comercialização.

A seguir, tentar-se-á mostrar um pouco da teoria relativa à economia solidária, que vem sendo muito discutida no meio acadêmico.

## **2.7 A economia solidária**

As duas associações pesquisadas fazem parte da economia solidária. Por isso e também pelo crescimento do número de projetos dessa natureza ligados à questão do lixo, considera-se indispensável aprofundar a discussão acerca do tema, particularmente em relação ao associativismo.

Economia solidária são todas as iniciativas associativas de produção e oferta de bens e serviços, incluindo redes de trocas solidárias, moeda social, comércio justo, empresas de autogestão, cooperativas de crédito e trabalho, etc.

Singer (2002, p.122) destaca que:

A economia solidária reviveu no Brasil com a crise social das décadas perdidas de 1980 e de 1990, em que o país se desindustrializou, milhões de postos de trabalho foram perdidos, acarretando desemprego em massa



e acentuada exclusão social. Ela assumiu, em geral, a forma de cooperativa ou associação produtiva, sob diferentes modalidades, mas sempre autogestionárias (...). Ainda nos anos 80, a Cáritas, entidade ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), financiou milhares de pequenos projetos denominados PACs, Projetos Alternativos Comunitários. Uma boa parte dos PACs destinava-se a gerar trabalho e renda de forma associada, para moradores das periferias pobres de nossas metrópoles e da zona rural das diferentes regiões do País. Uma boa parte dos PACs acabou se transformando em unidades de economia solidária.

Por sua vez, Viana (2002, p.26) expõe que:

Desde a última década, o movimento pela economia solidária vem se articulando de maneira inédita no Brasil – reflexo da crise, claro, e por ironia, em extrema contradição com o modelo que a gerou. A idéia é organizar cooperativas geridas pelos próprios sócios (...) . O fôlego dos últimos anos teve início em 1994, com a fundação da Anteag, a Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão, a partir da transformação da falida empresa Calçados Makerli (Franca, SP) em cooperativa gerida pelos funcionários, seus principais credores.

Outro grande marco para a proliferação das idéias de economia solidária, foi a Campanha Contra a Fome, idealizada pelo sociólogo Herbert de Souza, mais conhecido como Betinho, no ano de 1993.

Conforme descrevem Singer & Souza (2000, p.111):

Em decorrência do grande movimento da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, teve início, na década de 90, o programa das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs), que tem como origem a Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de

Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ). O objetivo desta iniciativa tem sido utilizar os recursos humanos e conhecimento da universidade na formação, qualificação e assessoria de trabalhadores para a construção de atividades autogestionárias, visando sua inclusão no mercado de trabalho.

Conforme citação de Singer (2002, p.123):

Desde 1999, as ITCPs constituíram uma rede, que se reúne periodicamente para trocar experiências, aprimorar a metodologia de incubação e se posicionar dentro do movimento nacional de economia solidária. No mesmo ano, a rede se filiou à Fundação Unitrabalho, que reúne mais de 80 universidades e presta serviços, nas mais diversas áreas, ao movimento operário. A Unitrabalho desenvolve desde 1997 um programa de estudos e pesquisas sobre economia solidária.

Para explicar resumidamente os passos para a formação de uma Incubadora, cita-se Viana (2002, p.26):

O processo chamado incubação começa com um contato entre a incubadora e as pessoas interessadas em montar uma cooperativa. A partir de então busca-se a formação do cooperado, através da transmissão dos valores do cooperativismo – democracia, solidariedade, intercooperação, autogestão. Terminada a fase de formação, é a vez de decidir se o grupo quer ou não montar uma cooperativa. Se quiser, descobrir cooperativa do que, já que muitas vezes os futuros sócios têm experiências profissionais em diferentes áreas. E ir atrás de capacitação, o que é uma das grandes vantagens da ligação com a universidade.

Existem hoje 23 incubadoras em todo o país, sendo oito no Sudeste, sete no Nordeste, cinco no Sul, duas no Norte e uma no Centro-Oeste. Estima-se que o

número de cooperativas atendidas supere os 150, embora não haja dados precisos. É difícil quantificar porque a lei só reconhece cooperativas que têm mais de vinte associados, então muitos grupos preferem trabalhar como associações (VIANA, p.28).

Singer (2002, p.124) destaca a formação da Rede Brasileira de Sócio-Economia Solidária, lançada no primeiro Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, no ano de 2001. A Rede é integrada por diversas entidades de fomento da economia solidária de todo o país. É uma rede eletrônica que enseja o intercâmbio de notícias e opiniões e está se transformando também em rede eletrônica de intercâmbio comercial entre cooperativas e associações produtivas e de consumidores.

Singer & Souza (2000, p.115) lembram que, dentre os projetos desenvolvidos pelas Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares:

Um projeto especial que vem adquirindo destaque é o trabalho com catadores de lixo, por tratar-se de um público-alvo diferenciado dos de baixa renda, visto que constituem uma população marginalizada, tanto no processo de vida, quanto no processo produtivo.

Viana (2002, p.28) observa que:

A cooperativa é extremamente dinâmica porque os sócios podem decidir tudo, é um processo de invenção. Então, a flexibilidade que a empresa capitalista busca como farsa – participação do trabalhador, comprometimento com os valores da empresa, etc. – é verdade no cooperativismo.

A autora se refere às cooperativas populares, mas o mesmo se aplica às associações, que são o objeto de estudo do presente trabalho.

Veiga & Rech (2001, p.37) comparam associações e cooperativas destacando que:

A forma organizativa mais adequada, quando se quiser reunir pessoas e levar adiante uma atividade social, é a associação. No entanto, quando se quiser desenvolver uma atividade comercial em média ou grande escala de forma coletiva, e retirar dela o próprio sustento, a forma organizativa mais adequada é a cooperativa.

### 2.7.1 Conceito e discussões sobre a economia solidária

A economia solidária é conceituada por Razeto (1993, p.40) como sendo uma:

Formulação teórica de nível científico, elaborada a partir de conjuntos significativos de experiências econômicas – no campo da produção, comércio, financiamento de serviços, etc. – que compartilham alguns traços constitutivos e essenciais de solidariedade, mutualismo, cooperação e autogestão comunitária, que definem uma racionalidade especial, diferente das outras realidades econômicas.

Singer & Souza (2000, p.255) expressam que “ empreendimentos de economia solidária são aqueles que possuem, ou estão constituindo estatuto próprio e não têm pessoas assalariadas, mas apenas sócios cooperados, em condição igualitária”.

O que mais vale num empreendimento dessa natureza é o trabalho grupal. O individualismo é deixado de lado em prol do grupo. Substitui-se o tradicional trabalho assalariado, pelo trabalho solidário, com divisões igualitárias dos resultados. Assim, quanto mais unido e consciente estiverem os membros da equipe, mais força terão, e a recompensa será maior.

Singer (2000, p.138) revela que:

A construção da economia solidária é uma estratégia que aproveita a mudança nas relações de produção provocada pelo grande capital, para lançar os alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista. Tudo leva a crer que a economia solidária permitirá, ao cabo de alguns anos, dar a muitos, que esperam em vão um novo emprego, a oportunidade de se reintegrar à produção por conta própria individual e coletivamente.

Considera-se a idéia de economia solidária um grande avanço na sociedade em que se vive. Basta imaginar a possibilidade de, ao mesmo tempo, dar trabalho às pessoas, e o fruto desse trabalho ser partilhado de forma igual para todos os envolvidos. É por isso que essa idéia bate de frente com o modelo capitalista, que estimula o individualismo, em detrimento do coletivo.

Além do mais, conforme Singer & Souza (2000, p.10):

Nos empreendimentos solidários vêm ocorrendo outros ganhos, diferentes do econômico em si, tais como auto-estima, identificação com o trabalho e com o grupo produtivo, companheirismo, além de uma noção crescente de autonomia e de direitos cidadãos.

É uma nova concepção de empreendimento que nasce, o qual estimula e possibilita que as pessoas sejam vistas e tratadas como seres humanos na sua plenitude, com todas as características inerentes à raça. São as pessoas reencontrando-se consigo mesmas.

Os autores também lembram que:

A extraordinária variedade de organizações que compõem o campo da economia solidária permite formular a hipótese de que ela poderá se estender a todos os campos de atividade econômica. Não há em princípio um tipo de produção e distribuição que não possa ser organizado como empreendimento solidário (Idem, p.23).

Mas existem muitos desafios a serem vencidos. Os mesmo autores pontuam que:

O que debilita o desenvolvimento da economia solidária é que a maior parte de suas unidades atuam isoladamente em mercados dominados por empresas capitalistas, com pouco ou nenhum acesso à crédito, à redes de comercialização, à assessoria tecnológica, etc. (Ibidem, p.24).

O problema é que a sociedade está toda organizada para o tradicional modelo capitalista de produção, e quando se fala em sociedade, incluem-se instituições, governos, empresas, etc. Daí, como concorrer com uma empresa do mesmo ramo, com vários anos de atividade no mercado e com livre acesso às instituições financeiras? É este o desafio natural desse novo modelo que, exatamente por ser recente, ainda não foi devidamente incorporado pela sociedade.

Existe também o preconceito, como destacam Singer & Souza (2000, p.19): “o que induz a degeneração de empresas que são solidárias é a descrença

generalizada na capacidade de 'meros trabalhadores' de as gerirem com eficiência”.

É aquela velha história da credibilidade perante o mercado, da quebra de mitos e preconceitos com esse tipo de empreendimento. Por esses e outros motivos já elencados, muitos projetos dessa natureza acabam fracassando.

Singer & Souza (2000, p.258) idealizam que:

Os empreendimentos comunitários, assim como as outras organizações produtivas da economia solidária, parecem estar gradativamente reconhecendo suas dificuldades e a possibilidade de superá-las por meio da ajuda mútua, da formação de redes de articulação política e econômica.

Observa-se que a economia solidária não pode ser vista apenas como um movimento econômico. É necessário que esteja ligada a outros movimentos sociais que buscam a melhoria da qualidade de vida da população em geral. Sendo assim, irá adquirir cada vez mais credibilidade e terá cada vez mais adeptos, com mais força para enfrentar os desafios, que não são poucos.

Nas linhas seguintes, procurar-se-á discutir especificamente o associativismo, pelo fato de se estar estudando duas associações.

### 2.7.2 O associativismo dentro da economia solidária

Veiga & Rech (2001, p.17) definem associação como sendo "qualquer iniciativa formal ou informal que reúne pessoas físicas ou outras sociedades

jurídicas com objetivos comuns, visando superar dificuldades e gerar benefícios para os seus associados".

Segundo a ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORES ESPERANÇA (2002):

Um dos objetivos do associativismo popular é a reinserção social de grupos excluídos e/ou não incluídos, que se utilizam do associativismo como instrumento político e econômico. Não se trata somente de reinserção e sim de uma nova maneira de se inserir.

Os excluídos do mundo do trabalho começam a poder estabelecer uma nova relação na sociedade, através da inserção econômica. Frente a uma economia que está em processo de profundas modificações em todo o mundo, as associações populares se constituem numa importante resposta e têm como princípios básicos a qualificação, a formação do trabalhador e a equidade na distribuição dos recursos.

Dal Ri (1999, p.64) descreve que:

O associativismo representa uma reação a um estado de coisas, e continua crescendo por vários motivos, tais como: aumento do desemprego nos mais diversos setores da economia, necessidade das pessoas se organizarem para ter mais força para enfrentar o mercado, propiciar um ambiente de trabalho menos competitivo e mais solidário. A relevância está exatamente no fato do associativismo trazer uma nova idéia de organização, a idéia de uma grande família trabalhando em prol de todos os membros.

As pessoas envolvidas em associações podem adquirir um instrumental técnico-administrativo, capacitando-se a gerir seus negócios, bem como uma



visão política para compreender, com olhar crítico, os mecanismos típicos do mercado capitalista. (Idem, p.165).

Acredita-se que a capacitação dos associados seja um ponto fundamental para o sucesso de qualquer associação. Com esta preparação prévia, fica menos complicado o caminho, pois todos terão idéia da sua importância naquele trabalho, e também estarão mais preparados para as dificuldades que surgirão.

Singer & Souza (2000, p.236) alertam que:

A dura e crua realidade é que as associações não detêm a posse de tecnologias de ponta, que lhes permitam aumentar seu tempo livre, nem dos fundamentos teórico-metodológicos, que lhes permitam articular teoria e prática, de modo a encontrar uma forma mais racional e ao mesmo tempo mais humanizada de colocar os meios de produção a seu serviço.

A questão da tecnologia é geralmente um problema para as associações, em função das mesmas, em sua maioria, começarem do zero, sem o devido apoio e sem uma estrutura adequada. Então, isso acarreta uma sobrecarga de trabalho, para compensar as deficiências de maquinário. Outra questão levantada pelos autores citados anteriormente, é a falta de preparação teórica. Estes desafios e muitos outros só reforçam que o caminho é árduo, mas também mostram que, se as associações tivessem a possibilidade de acesso a uma estrutura e preparação melhores, seriam imbatíveis, visto que, mesmo com tantas dificuldades, elas estão aí, se proliferando na sociedade e, de uma forma ou de outra, alcançando resultados expressivos.

Os mesmos autores levantam uma outra questão, que também é uma realidade presente nas associações:

Ao que parece, apesar da identificação das pessoas com a proposta comunitária, muitas acabam deixando o empreendimento, pois são compelidas a exercer uma atividade de retorno financeiro imediato ou pouco mais rentável, por conta própria ou num subemprego qualquer (Idem, p.257).

É aquela história: se a pessoa não teve um devido preparo para a realidade dentro de uma associação, onde não há salário fixo, não há direito a férias remuneradas e muitas vezes o trabalho não tem hora para acabar, ela vai acabar desanimando, e voltará a trabalhar no sistema tradicional. Então, deve-se trabalhar na busca da conscientização dos associados para eles saberem que estão engajados numa nova proposta.

Veiga & Rech (2001, p.12) lembram o seguinte:

Os maiores e mais fortes fatores de fracasso de uma associação são: a falta de solidariedade entre os associados, a disputa interna rasteira, a fofoca, o disse-que-disse, o operar individualmente por fora da associação, a falta de autonomia da associação e a falta de estratégia, de visão de curto, médio e longo prazos.

Observa-se que os autores esqueceram do fator financeiro, outro ponto determinante para o sucesso ou fracasso de qualquer associação.

Para que uma associação dê certo, o “nós” deverá se sobrepôr ao “eu”, tanto nas ações dentro da associação, como em relação ao bem-estar de todos. É a inversão da lógica capitalista, que prega o individualismo, a competição acirrada.

### 2.7.3 Como e por quê montar uma associação

Os dados citados neste sub-item foram coletados do livro de Veiga & Rech (2001).

As associações são entidades constituídas de pessoas, dirigidas por uma diretoria eleita, cujas funções estão subordinadas à vontade coletiva e democrática de seus associados e cristalizadas nos seus estatutos, aprovados em Assembléia Geral.

Este princípio está garantido pela Constituição Federal no inciso XVIII do artigo 5º: a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas, independe de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento.

Por serem sem fins lucrativos, as associações não podem conceder ganhos ou vantagens patrimoniais aos seus associados.

Como sociedades civis que são, para existirem legalmente, deverão registrar seus estatutos, de acordo com a Lei 6015/73:

Art. 120. O registro das sociedades, fundações e partidos políticos consistirá na declaração, feita em livro, pelo oficial, do número de ordem, da data de apresentação e da espécie do ato constitutivo, com as seguintes indicações:

I – A denominação, o fundo social, quando houver, os fins e a sede da associação ou fundação, bem como o tempo de sua duração;

II – O modo por que se administra e representa a sociedade, ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente;

III – Se o estatuto, contrato ou compromisso é reformável, no tocante à administração, e de que modo;

IV – Se os membros respondem ou não, subsidiariamente, pelas obrigações sociais;

V – As condições de extinção da pessoa jurídica e nesse caso o destino do seu patrimônio;

VI – Os nomes dos fundadores ou instituidores e dos membros da diretoria.

Com o número do cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), a associação já poderá abrir conta em banco, emitir nota fiscal, comprar e vender, inclusive imóveis em seu nome, e realizar todas as operações permitidas a uma empresa legal.

A associação é uma ação privada, visando ao bem comum. Por isso, ela está imune à tributação. As áreas previstas para a imunidade, de acordo com a Constituição Federal (Art. 150), são a educação e a assistência social. As associações podem também conseguir isenção de contribuição empresarial para a Previdência, caso obtenham “certificado de fins filantrópicos”, devendo ser declaradas de “utilidade pública”.

Funda-se uma associação para solucionar problemas concretos. Portanto, uma associação deve ser um instrumento que viabilize soluções eficazes em que a participação e a democracia estejam presentes em todas as ações.

O motivo primordial de se fundar uma associação é porque somando esforços, dinheiro, equipamentos, vontade e desejo de várias pessoas, tudo fica mais fácil, mais barato e possível de ser realizado.

A seguir, será abordada a Política Nacional de Resíduos Sólidos, uma reivindicação antiga que está em discussão, e certamente quando for transformada em lei, será um grande trunfo para enfrentar a questão do lixo no Brasil.

## **2.8 Política nacional de resíduos sólidos**

A maior parte dos dados relativos à Política Nacional de resíduos Sólidos, foram obtidos numa reportagem de Vilas & Sampaio (2002).

O Brasil discute há mais de dez anos propostas que possam trazer a solução aos problemas ambientais relativos ao gerenciamento dos resíduos sólidos.

Eigenheer (1999, p.45) lembra que:

Se desconhece no Brasil qualquer decisão municipal direcionada à cobrança pelo lixo doméstico gerado (volume), o que traz também distorções no sentido de que o cidadão 'não sabe' quanto lhe custa a coleta regular e o destino do lixo. A taxa do lixo está quase sempre embutida no Imposto Predial, e geralmente é calculada pelo tamanho do Imóvel e pela sua localização. Conseqüentemente, pessoas que habitam imóveis não legalizados não pagam, e quase sempre as taxas cobradas não cobrem os gastos globais com a limpeza pública. No Brasil, a limpeza urbana ainda não é encarada como um serviço público.

O maior avanço nos últimos anos aconteceu com a formação de uma Comissão Especial na Câmara dos Deputados destinada a dar parecer sobre uma Política Nacional de Resíduos Sólidos.

A Comissão que formula uma política para resíduos sólidos, trabalha desde 2001. O relatório, que é uma síntese de 74 Projetos de Lei, define regras gerais para o manejo de diversos tipos de lixo, como o hospitalar, o radioativo e para alguns materiais específicos, como pneus e embalagens.

A criação de um Fundo de Limpeza Urbana, para viabilizar planos relacionados ao gerenciamento de resíduos sólidos, também está contemplada no relatório. Além disso, o substitutivo prevê subsídios para empresas que utilizem material reciclado.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos é uma espécie de “cartilha da reciclagem” que deverá ser seguida por todos os municípios, com adaptações para cada local. A proposta já foi discutida por Organizações Não-Governamentais e cooperativas, passando por diversas mudanças.

Em Outubro de 2002, foi regulamentada a profissão de catador de material reciclável, o que representa uma grande conquista para a classe. A seguir é citada a descrição da profissão, obtida no MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (2002):

Família N.º 5192 : Catadores de material reciclável – catador de ferro-velho, catador de papel e papelão, catador de sucata, catador de vasilhame, enfardador de sucata (cooperativa), separador de sucata (cooperativa), triador de sucata (cooperativa).

Descrição sumária: catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.

Quando a Política Nacional de Resíduos Sólidos for aprovada, servirá de incentivo à criação de cooperativas e associações. Só existem estimativas quanto ao número de catadores no país, que podem chegar a 800 mil. Para essa gente, a aprovação do projeto significará um grande avanço, a exemplo do que foi o reconhecimento da profissão.

### **3 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO**

Neste capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada nos estudos de casos, introduzindo alguns tópicos como: delimitação dos estudos de casos e instrumentos de coleta e análise de dados.

O estudo de caso é caracterizado por Gil (1996, p. 58) da seguinte forma: "estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetivos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento".

Para Yin (2001, p. 32), estudo de caso é definido como: "uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos".

O estudo de caso é considerado uma estratégia de pesquisa abrangente e que está relacionado a questões contemporâneas.

#### **3.1 Delimitação da pesquisa**

Conforme Gil (1996, p. 121), "a totalidade de um objeto, quer físico, biológico ou social, é uma construção intelectual". Na visão do autor, não existem limites físicos palpáveis ou concretos na definição de um objeto ou processo.

O universo da pesquisa foram duas associações de triagem de Florianópolis, sendo elas: Associação dos Recicladores Esperança - AREsp e Associação dos



Coletores de Materiais Recicláveis - Papeleiros. Os sujeitos da pesquisa foram pessoas vinculadas às associações estudadas.

Foram selecionados três associados de cada projeto, tendo como principal critério o tempo de serviço dos mesmos na Associação. Considerou-se que, quanto mais tempo a pessoa estivesse vinculada ao projeto, mais informações teria para relatar. Além disso, foram consultadas as assessoras de cada Associação: Thyrza Pires, professora do Centro Federal de Educação Tecnológica e assessora da AREsp; e Nara Bittencourt, psicóloga da Companhia de Melhoramentos da Capital e assessora dos Papeleiros.

Em relação à perspectiva de estudo, a pesquisa foi transversal, por abranger apenas um período de tempo, compreendido entre agosto de 2002 e março de 2003.

### **3.2 Técnica de coleta de dados**

A coleta de dados, no estudo de caso, normalmente é feita com a aplicação de vários procedimentos, os mais usuais são: a observação direta, a análise de documentação, a entrevista e a história de vida (GIL, 1996).

Os dados primários foram coletados principalmente através de entrevistas. Conforme Minayo (2000, p.57) entende-se por entrevista:

Uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da

linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.

As entrevistas foram semi-estruturadas, ou seja, não existiu rigidez de roteiro, o que permitiu uma exploração mais ampla de algumas questões.

Entende-se por entrevista semi-estruturada aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Na pesquisa também foram utilizados os procedimentos de observação direta e análise documental, com visitas sistemáticas às duas associações, a fim de verificar *in loco* a realidade apresentada pelas mesmas, e coletar dados através de seus registros documentais.

### **3.3 Análise dos dados**

Os dados foram analisados qualitativamente, por serem idéias, reflexões, argumentos, os quais permitiram um diálogo constante com o pesquisador, com o intuito de apresentar sugestões para a melhoria das Associações. Os dados obtidos com as entrevistas foram confrontados com a teoria, para que se chegasse a um posicionamento do pesquisador.

## **4 AS ASSOCIAÇÕES, QUEM É QUEM**

A seguir, é feita a apresentação das duas associações estudadas, considerando aspectos como: história, tipo de organização, número de associados, localização, além de outros aspectos de interesse.

Foi feito um estudo nas seguintes associações: Associação dos Recicladores Esperança - AREsp e Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis - Papeleiros. Como se poderá observar, as duas associações têm muitas particularidades, e alguns pontos em comum, como por exemplo, o espírito de luta dos associados, a vontade de se sentirem inseridos na sociedade, sendo respeitados por sua profissão, pois, como foi citado num capítulo anterior, a profissão de Catador de Material Reciclável foi recentemente incluída no Cadastro Brasileiro de Ocupações.

### **4.1 A Associação dos Recicladores Esperança - AREsp**

As informações foram coletadas na ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORES ESPERANÇA (2002) e também diretamente com os associados.

A AREsp surgiu de um projeto de extensão da Escola Técnica Federal de Santa Catarina – ETFSC, ganhador do 1º Concurso de Projetos Sociais da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, em julho de 1997.

O referido projeto foi proposto pelo Laboratório de Experiências em Papel Artesanal do Curso de Saneamento da ETFSC, através da Fundação do Ensino Técnico de Santa Catarina - FETESC, em parceria com a Prefeitura Municipal de Florianópolis e a Companhia de Melhoramentos da Capital - COMCAP.

A proposta era de capacitar pessoas excluídas e/ou não incluídas para fazerem triagem de resíduos sólidos, reciclagem de papel artesanal, além de oferecer conhecimento sobre cooperativismo/associativismo solidário para que os participantes conquistassem autonomia e capacidade para gerirem sua associação.

O projeto para formar a Associação foi colocado em prática a partir de dezembro de 1997 e concluído em julho de 1999, quando foi fundada a AREsp.

O galpão de triagem e a sede da AREsp estão localizados no antigo lixão da COMCAP, no bairro Itacorubi. O local hoje é chamado de Centro de Tratamento de Resíduos Sólidos.

Conforme consta no Estatuto (Anexo 1), a Associação de Recicladores Esperança é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que objetiva promover a união dos seus associados em torno da defesa dos seus direitos sociais e econômicos, sem distinção de raça, gênero, credo, cor e partido político.

O trabalho deste grupo se dá na forma associativa, buscando a valorização profissional dos seus associados, o aprimoramento técnico, a realização de cursos, a celebração de contratos, a prestação de serviços, o desenvolvimento de espírito comunitário, bem como a colaboração com entidades afins. A gestão das

atividades, bem como da partilha é toda feita pelos associados, desde o segundo mês de funcionamento da associação.

Atualmente os associados realizam a triagem, reciclagem e venda de lixo seletivo, dispondo assim de uma atividade que proporciona uma renda para sustentar suas famílias. Essa atividade com resíduos sólidos é uma das poucas iniciativas de reaproveitamento de lixo seletivo em Florianópolis.

A estrutura física utilizada atualmente pela Associação consiste em dois galpões de 390m<sup>2</sup> cada, construídos pelo Departamento de Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal de Florianópolis, num terreno da COMCAP, onde os associados recebem parte do lixo da coleta seletiva da cidade.

Vale lembrar que a AREsp recebeu uma esteira, doada pela COMCAP, a poucos meses. Este fato representou uma grande conquista para eles, que agora poderão triar uma quantidade maior de materiais. Um dos associados se encarrega de levar os materiais até a esteira. Depois, cada um tem a incumbência de separar determinado tipo de material, colocando-o em caixas específicas, que ficam próximas a eles. A COMCAP também doou novas baias, que são utilizadas para acondicionar os materiais.

Além disso, a AREsp também conta com duas prensas, destinadas ao enfardamento de plástico e papel, o que possibilita que o material saia da Associação todo enfardado, e pronto para ser transportado para qualquer lugar.

Depois de separado e prensado pelos associados, o material é vendido para empresas que o reutilizam em seus produtos. O papel que não é vendido para

essas empresas, vai para a oficina de artesanato, no galpão ao lado, e é transformado em agendas, blocos de anotação, envelopes e cartões.

Além da oficina de artesanato, funciona no outro galpão a sala de aula para alfabetização dos associados e para cursos.

A receita da venda dos recicláveis é revertida para os associados, que fazem a partilha da produção, a partir da quantidade de dias trabalhados. Desta forma, além de possibilitar oportunidade de trabalho para as pessoas envolvidas, que atuam sem vínculo empregatício com a COMCAP e/ou com as Instituições parceiras, há um maior rendimento e uma maior eficiência na separação dos resíduos sólidos.

O horário das atividades dos associados é das 7 horas até as 16:15 horas, com intervalos para café da manhã e ao meio-dia (uma hora para almoço). A AREsp funciona de segunda a sexta-feira, com plantão para recepção de materiais recicláveis no sábado.

A AREsp é formada por moradores das comunidades da região do Monte Cristo, em Florianópolis (Chico Mendes, N. Sr.<sup>a</sup> da Glória, Nova Esperança, Abraão). Atualmente, possui 33 recicladores (Anexo 4).

A atual diretoria da AREsp, composta por seis membros, e com mandato de um ano, está assim constituída: Presidente: Maria Zita Ortiz Dias; Vice-Presidente: Adriana Chaves; Tesoureira: Neide Maria da Conceição, Vice-Tesoureira: Rosiléia Aparecida Costa; Secretária: Josiane da Cruz; Vice-Secretária: Ednéia Aparecida Klaus.

Para se associar à AREsp é necessário que a pessoa tenha sido vacinada contra o tétano, o que serve de prevenção em caso de eventuais acidentes.

A AREsp também está inserida no projeto desenvolvido pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina - CEFET-SC e pela UFSC, denominado Incubadora Tecnológica de Economia Solidária - INTECSOLI, que visa assessorar e acompanhar – através da incubação – cooperativas e associações, aproveitando estruturas e recursos existentes nas comunidades ou grupos e parcerias, criando a interligação entre educação, trabalho e geração de renda.

#### 4.1.1 Algumas conquistas

A AREsp já conseguiu alcançar parte considerável de suas metas, conquistas como:

- capacitação dos associados em reciclagem de papel e técnicas de cartonagem, permitindo que fossem desenvolvidas novas formas de geração de renda e trabalho, através da confecção e venda dos papéis reciclados e artigos de papelaria;
- alfabetização dos associados através de atividades voluntárias de pais de alunos do Curso de Saneamento do CEFET-SC. Em três meses de aula, os oito alfabetizados já escreviam seus nomes e várias palavras ou, em alguns casos, até pequenas frases;

- promoção e realização do curso de capacitação para novos grupos de recicladores, em parceria com os associados da AREsp, onde estes também ensinam aos novos recicladores;
- trabalho com igualdade de condições para todos e que possibilita pagar os compromissos em dia;
- reconhecimento pela comunidade da importância do trabalho realizado;
- melhoria nas condições ambientais da cidade, o que contribui para Florianópolis manter-se cada vez mais bela.

E as conquistas devem continuar. Os próximos desafios são: a construção de um galpão na localidade onde moram os associados (Chico Mendes), funcionamento do galpão de triagem 24 horas, implantação do espaço da reciclagem e abertura de novas unidades descentralizadas de triagem.

#### 4.1.2 Dados da produção

A seguir, é apresentado o desempenho da AREsp nos seus primeiros anos de existência. Os dados constantes nas figuras foram coletados no Controle de Material da Associação.



<b>Mês</b>	<b>Quant. (Kg)</b>	<b>% Rejeito</b>	<b>Kg/dia</b>
Janeiro	61.490	11,45	3.002
Fevereiro	54.870	14,23	2.924
Março	51.200	13,30	2.560
Abril	45.500	10,79	2.151
Maio	56.480	14,22	2.077
Junho	48.915	6,77	2.448
Julho	60.370	10,47	2.744
Agosto	61.025	10,35	2.774
Setembro	45.265	13,96	2.058
Outubro	57.980	10,90	2.635
Novembro	30.620	20,63	1.392
Dezembro	36.420	17,35	1.655
<b>Total/Média</b>	<b>610.135</b>	<b>12,87</b>	<b>2.368</b>

Figura 1 – Material triado no ano 2000.

Percebe-se que a AREsp já começou triando uma quantidade considerável de recicláveis, o que demonstra a seriedade com que os associados encararam o desafio de trabalhar em equipe. O ano de 2000 fechou com uma média de 2.368 kg de material triado por dia.

<b>Mês</b>	<b>Quant. (Kg)</b>	<b>% Rejeito</b>	<b>Kg/dia</b>
Janeiro	46.365	19,62	2.318
Fevereiro	46.015	13,39	2.556
Março	56.545	14,88	2.570
Abril	52.455	13,84	2.623
Maio	50.310	16,25	2.096
Junho	41.030	18,61	1.954
Julho	62.340	16,79	2.834
Agosto	70.555	13,85	3.068
Setembro	62.540	11,07	3.127
Outubro	65.110	12,61	2.831
Novembro	48.315	18,33	2.101
Dezembro	58.225	11,71	2.532
<b>Total/Média</b>	<b>659.805</b>	<b>15,08</b>	<b>2.551</b>

Figura 2 – Material triado no ano 2001.

Em 2001, além do aumento da quantidade de material triado no ano, observa-se um aumento da quantidade de rejeitos, o que pode ser visto como a diminuição do interesse por parte da população em separar o lixo na origem.

<b>Material</b>	<b>% Triado</b>
Papel	51%
Metal	13%
Plástico	12%
Vidro	8%
Alumínio	1%
Rejeitos	15%

Figura 3 – Tipo de material triado em 2001.

Sobre o tipo de material triado em 2001, percebe-se uma predominância de papel, com mais da metade de tudo o que foi triado. Cabe destacar a baixa quantidade de alumínio que chegou até a AREsp. Como o alumínio tem um comércio muito forte e valioso, nem mesmo na coleta seletiva ele aparece.

<b>Mês</b>	<b>Valor/dia (R\$)</b>
Janeiro	6,77
Fevereiro	7,76
Março	6,17
Abril	7,25
Maio	7,04
Junho	5,71
Julho	7,67
Agosto	8,81
Setembro	8,70
Outubro	9,25
Novembro	7,45
Dezembro	7
<b>Média</b>	<b>7,46</b>

Figura 4 – Valor recebido por dia de trabalho em 2001.

Observa-se que, se for multiplicado R\$7,46 por 22 dias trabalhados num mês, ter-se-á uma renda mensal de R\$164,12 para cada associado.

<b>Mês</b>	<b>Quant. (Kg)</b>	<b>% Rejeito</b>	<b>Kg/dia</b>
Janeiro	54.240	8,81	2.465,50
Fevereiro	59.370	11,55	2.968,50
Março	54.030	14,81	2.572,90
Abril	55.600	13,37	2.527,30
Maio	47.840	16,70	2.080,00
Junho	47.210	14,67	2.360,50
Julho	43.150	13,29	1.876,10
Agosto	42.170	14,44	1.916,80

<b>Mês</b>	<b>Quant. (Kg)</b>	<b>% Rejeito</b>	<b>Kg/Dia</b>
Setembro	38.070	20,95	1.812,90
Outubro	39.020	12,99	1.696,50
Novembro	36.920	15,10	1.758,10
Dezembro	46.380	16,56	2.319,00
<b>Total/Média</b>	<b>564.000</b>	<b>14,44</b>	<b>2.196,18</b>

Figura 5 – Material triado no ano 2002.

O que chama a atenção em 2002, é a considerável diminuição da quantidade de material triado, em relação a 2001. Existem pelo menos dois fatores que podem ter causado essa queda: a alta rotatividade de associados e a falta de material para triar.

<b>Mês</b>	<b>Valor/dia (R\$)</b>
Janeiro	10,47
Fevereiro	9,77
Março	9,05
Abril	9,33
Maio	8,33
Junho	7,25
Julho	8,87
Agosto	9,43
Setembro	10,60
Outubro	10,57
Novembro	10
Dezembro	10,23
<b>Média</b>	<b>9,49</b>

Figura 6 – Valor recebido por dia de trabalho em 2002.

Na tabela dos valores recebidos por dia trabalhado, observa-se que a média de 2002 aumentou em R\$ 2,00 em relação a 2001. Isso é explicado em função do preço dos recicláveis ter aumentado consideravelmente no último ano. Portanto, 2002 foi o ano em que a AREsp triou menos material, mas também foi o melhor ano em termos de rendimento para os associados.

Para finalizar a apresentação da AREsp, cabe lembrar que a mesma pode ser visitada por escolas, entidades e qualquer pessoa interessada em conhecer o

projeto. Os associados são muito atenciosos e receberão a todos de braços abertos.

## **4.2 A Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis - Papeleiros**

Os dados sobre a Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis foram buscados diretamente na mesma, através de informações prestadas pelas assessoras da COMCAP e Prefeitura, que acompanham o trabalho dos Papeleiros, pelos estagiários da UFSC, que atuam no local e também pelos próprios associados.

Como a Associação só começou a ter seus dados sobre produção registrados em planilhas a partir de 2002, quando 02 estagiários começaram a atuar no local, mostrar-se-á somente o que foi possível coletar nesse período, ficando os anos anteriores a 2002 sem registros sobre produção.

### **4.2.1 Antecedentes históricos**

Conta-se dez anos desde que o primeiro associado chegou à Florianópolis e deu início às atividades informais de coleta de papel e papelão.

Por volta de 1995, com o aumento do número de catadores, chegou o momento da atividade demandar alguma forma de controle, pois passou a ser desorganizada, atrapalhando o trânsito e a circulação de pedestres no centro da cidade, além da utilização de praças e espaços públicos como depósito de

material. Na ocasião, a solução encontrada foi a alocação de um ponto, sendo esse localizado sob a Passarela do Samba, para que os papeleiros pudessem amontoar seus materiais recolhidos.

Esse espaço cedido pela administração pública descontentou os catadores, pois sendo um local afastado do centro urbano da cidade e dos olhos da comunidade – talvez por esse motivo cedido a eles – também era freqüentado por diversos tipos de marginais.

No final do ano de 1997, partindo da denúncia que lhe foi encaminhada, a Procuradoria da Coletividade convocou o Departamento de Desenvolvimento Social da Prefeitura, a COMCAP e a Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos – SUSP, representantes do poder público no que tangia à situação dos catadores de papel que vinham trabalhando no Aterro da Baía Sul, sob a Passarela do Samba, para tomarem as providências cabíveis no sentido de solucionar os problemas constatados naquele local. A precariedade das condições sanitárias e de disposição dos materiais coletados, agregada à índices de violência e criminalidade associados ao local, exigia uma ação efetiva da Prefeitura.

Assim sendo, constatada a insalubridade daquele local, a COMCAP e a SUSP estabeleceram contatos com o Departamento de Estradas e Rodagem – DER e, depois de um processo de negociações, optaram emergencialmente por construir um espaço debaixo da Ponte Pedro Ivo Campos para alojar o trabalho daqueles catadores, aos quais outros já se somaram, visando a constituição de uma associação capaz de defender tanto os interesses e o bem estar de seus associados, em geral procedentes das camadas sociais mais carentes, quanto de

promover a integração social e a destinação adequada do material reciclável procedente do centro da cidade.

A transferência dos catadores acabou ocorrendo somente em junho de 1999. No entanto, os problemas de organização e relacionamento entre eles exigiam dos órgãos municipais envolvidos uma atuação mais efetiva. Formou-se então, em novembro de 1999, uma equipe de profissionais procedentes do Departamento de Desenvolvimento Social/Divisão da Criança e da COMCAP, que passou a assessorar e acompanhar todo o processo de organização dos catadores numa associação, com o intuito de estimular o desenvolvimento de formas associativas e integradas de trabalho e de geração de renda.

Hoje, após serem por muito tempo considerados, erroneamente, como indigentes, estão organizados em uma Associação de Coletores de Materiais Recicláveis, que tem como missão a representação dos Papeleiros como categoria profissional, dando-lhes plenas condições de trabalho e exercício de seu papel social frente a um projeto societário, de economia social e desenvolvimento sustentável.

#### 4.2.2 A Associação e os catadores

Os Papeleiros (como são mais conhecidos) atuam no centro da cidade há dez anos, mas a organização dos mesmos, como associação, é recente: data de 20 de Março de 2000 o estatuto em vigor (Anexo 2).

A Associação objetiva defender os interesses econômicos e o bem estar social de seus associados, desenvolvendo projetos decididos em Assembléia Geral, visando a integração social, e tem por finalidade a triagem de papéis e materiais reaproveitáveis.

Estes que hoje são conhecidos como Papeleiros, que puxam seus carrinhos alaranjados, devidamente registrados e emplacados, trajando seus uniformes com o emblema da Associação, são migrantes, na sua totalidade, do oeste catarinense que, no contexto do êxodo rural, protagonizaram a histórica busca por melhores condições de vida na cidade grande.

A atividade dos catadores de materiais recicláveis não foi algo planejado ou previsto. Foi sim, a única alternativa encontrada por esses imigrantes ao chegarem a Florianópolis. Ao depararem-se com uma realidade diferente da imaginada, a saída foi sujeitarem-se àquilo que é considerado um subemprego, mas que está dando-lhes melhores condições de vida.

A área construída debaixo da Ponte gira em torno de 360 m<sup>2</sup>. No local, existe uma sala para escritório, uma cozinha e banheiros. O restante da área, coberta pela Ponte, serve para os associados triarem seu material. Além da área coberta, existe um pátio grande onde ficam os *containers* do comprador, que recebem o material triado, de acordo com o tipo (papelão, papel misto, papel branco, plástico).

A sede da Associação possui energia elétrica, 01 telefone público e água. Em função da localização, o local apresenta bastante barulho, devido ao grande fluxo de veículos na Ponte.

São 57 associados trabalhando com seus carrinhos coletores, os quais são puxados por homens e mulheres. Os catadores operam na região central de Florianópolis e adjacências.

O que mais chama atenção na análise da lista dos Papeleiros (Anexo 5), é a grande quantidade de pessoas com o mesmo sobrenome. Nada menos que 30 associados apresentam o sobrenome “dos Santos”, o que representa mais da metade do número total de associados.

<b>Bairro</b>	<b>N.º Associados</b>
Vila Aparecida	33
Agronômica	2
Brejarú – Palhoça	2
Jardim Atlântico	4
Bairro Ipiranga	5
Morro da Queimada	3
Morro do Mocotó	1
Morro do 25	1
Saco Grande II	1
Não informaram	5
<b>TOTAL</b>	<b>57</b>

Figura 7 – Bairros onde moram os Papeleiros

Observa-se que mais da metade dos associados moram num mesmo bairro – Vila Aparecida – o que certamente facilita o contato entre eles, fora da Associação.

Além dos 57 associados, existem outros 28 catadores, os chamados “peões”, que trabalham para alguns associados, recebendo semanalmente. Conversando com um deles, o mesmo relatou que recebe R\$ 70,00 por semana, com direito a moradia, transporte e alimentação. Disse também que chega a fazer sete viagens por dia, carregando recicláveis.



#### 4.2.3 O caminho do material

O procedimento de coleta e triagem é bem simples. O pessoal recolhe o material reciclável (principalmente papelão) em horários pré-estabelecidos. Nos calçadões das ruas Felipe Schmit e Conselheiro Mafra, só é permitida a circulação de carrinhos após às 16:30 horas. O material recolhido é transportado para debaixo da Ponte, onde cada um separa o seu material - na presença de um balanceiro pago pelo comprador - pesa em separado cada tipo de reciclável, desconta o peso do carrinho e encaminha o material pesado para o *container* do comprador, que fica no pátio da Associação. O balanceiro anota a pesagem e o nome do respectivo associado, para que, no ato da venda, seja destinado a parte que cabe a cada um. O horário de pesagem é o seguinte: de segunda a sexta, das 14:00 às 21:00 horas e aos sábados, das 10:00 às 16:00 horas.

Um detalhe importante é que, até o final de cada dia, todo material arrecadado deve ser removido de dentro do galpão, por causa do perigo de incêndio.

Ao contrário da AREsp, na Associação da Ponte cada um recebe de acordo com a produção, ou seja, não existe partilha igualitária. Quem produz mais, recebe mais, e vice-versa. Talvez até por isso, e por não ter uma diretoria que imponha respeito, é muito baixo o espírito de equipe na Associação.

#### 4.2.4 Dados da produção

A Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis arrecadou em 2002 uma média de 164,5 toneladas/mês de material, principalmente papelão.

<b>Período</b>	<b>Papelão</b>	<b>P. Misto</b>	<b>P. Branco</b>	<b>Plástico</b>	<b>Total (Kg)</b>
Janeiro	86.710	49.950	27.760	-	164.420
Fevereiro	73.190	42.840	19.730	-	135.760
Março	86.090	43.990	25.350	-	155.430
Abril	104.270	48.710	26.120	-	179.100
Maio	102.610	47.520	29.260	-	179.390
Junho	85.870	43.860	23.550	-	153.280
Julho	102.532	54.762	29.392	-	186.686
Agosto	96.261	48.200	22.450	11.180	178.091
Setembro	103.470	43.450	25.190	15.610	187.720
Outubro	76.560	38.160	19.080	10.740	144.540
Novembro	89.668	42.846	25.960	11.770	170.244
Dezembro	66.330	36.860	26.360	10.450	140.000
<b>TOTAIS</b>	<b>1.073.561</b>	<b>541.148</b>	<b>300.202</b>	<b>59.750</b>	<b>1.974.661</b>

Figura 8 – Material arrecadado em 2002 (Kg).

Como se pode observar, estão faltando dados relativos à coleta de plásticos nos primeiros sete meses de 2002. Com base na quantidade de plástico arrecadado nos meses subsequentes, e atribuindo uma média mensal de 10.000 kg de plástico, pode-se dizer que os papeleiros arrecadaram por volta de 170 ton./mês de material em 2002. Esses são os dados oficiais, mas sabe-se que a quantidade arrecadada é maior, pois o controle da venda do material não é muito eficiente. Calcula-se que o volume arrecadado mensalmente pelos Papeleiros gira em torno de 200 ton./mês.

<b>Período</b>	<b>Papelão</b>	<b>P. Misto</b>	<b>P. Branco</b>	<b>Plástico</b>	<b>Total (R\$)</b>
Agosto	14.439,15	3.374,00	5.163,50	2.291,90	25.268,55
Setembro	17.540,63	4.013,95	6.297,50	3.200,05	31.052,13
Outubro	15.312,00	3.816,00	4.770,00	2.201,70	26.099,70
Novembro	19.232,53	4.925,32	7.933,79	2.942,50	35.034,14
Dezembro	14.592,60	4.423,20	8.698,80	2.612,50	30.327,10
<b>TOTAIS</b>	<b>81.116,91</b>	<b>20.552,47</b>	<b>32.863,59</b>	<b>13.248,65</b>	<b>147.781,62</b>

Figura 9 – Faturamento(R\$) com a venda dos materiais (agosto a dezembro/2002)

Os dados sobre o faturamento mostram que, nos cinco meses analisados, a Associação dos Papeleiros arrecadou uma média mensal de R\$ 29.556,32. Dividindo isso entre os associados, chega-se ao valor de R\$ 518,53/associado.

<b>Reciclável</b>	<b>Preço por Kg (R\$)</b>
Papelão	0,25
Papel Misto	0,14
Papel Branco	0,35
Plástico	0,25

Figura 10 – Preço dos materiais em dezembro/02 (R\$)

Os preços dos recicláveis aumentaram consideravelmente nos últimos meses. Em setembro/02 o papelão era vendido por R\$ 0,16/kg, enquanto que em dezembro/02 já estava R\$ 0,25/kg. O mesmo aconteceu com os demais materiais.

Finalizando este capítulo, pode-se dizer que as duas Associações estudadas são recentes, dentro das propostas crescentes da sociedade, trazendo em si tanto a questão da economia solidária, como a do desenvolvimento sustentável, seja através do associativismo, ou na atuação como agentes oportunizadores do reaproveitamento do lixo como matéria-prima. O papel social das Associações é o exemplo – e a ação – dados dentro de um novo projeto societário.

É através da coleta seletiva que se dá a fonte de rendimentos para esses trabalhadores. Em contrapartida, esses divulgam, no exercício de sua profissão, a necessidade da reciclagem, do desenvolvimento sustentável e da solidariedade acima do capital.

A AREsp e a Associação dos Papeleiros são iniciativas mais que politicamente corretas, e estão sempre no aguardo de mais colaboradores e simpatizantes.

## **5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

Neste capítulo são apresentados os resultados das entrevistas. Considera-se de suma importância os dados colhidos nas entrevistas, pois é quando surgem as idéias, opiniões, frustrações, enfim, um leque muito grande de informações de quem vive o dia-a-dia das associações, e que merecem uma atenção especial.

Foram entrevistados três associados de cada projeto, além de duas assessoras, uma da AREsp e outra da Associação dos Papeleiros, totalizando oito entrevistas. No caso dos associados, o principal critério para escolha foi o tempo de atuação na Associação. Optou-se pelos que têm mais tempo de trabalho na associação, por considerar que poderiam trazer mais informações.

### **5.1 Entrevista com associados da AREsp**

Sobre a escolaridade dos entrevistados, os três responderam que sabem ler e escrever, sendo que um deles terminou o primeiro grau e pretende fazer o segundo grau. Os outros dois ficaram no primário, mas “se viram”, como disseram.

Dois dos entrevistados trabalham na AREsp há três anos, ou seja, entraram logo no início da Associação. O terceiro entrevistado trabalha há dois anos lá.

É importante destacar que, das pessoas que fundaram a AREsp em 1999, somente um deles ainda continua lá. A rotatividade lá dentro é muito alta. Por outro lado, mesmo com a saída dos mais antigos, pelos mais diversos motivos, o espírito de equipe continuou intocável com o passar dos anos.

Perguntados sobre o grau de satisfação no trabalho, todos responderam que se sentem satisfeitos na Associação. Um deles lembrou que no passado havia muita fofoca, mas que agora está bem melhor. O outro disse que às vezes sua esposa reclama que ele ganha pouco trabalhando na Associação, e ele se defende dizendo que é uma renda garantida e está mais fácil agora, pois quando chegou na Associação não havia nem cozinha, e todos tinham que trazer marmita de casa para o almoço. O terceiro destacou que, além de estar ganhando um dinheiro, está ajudando a preservar a natureza e deixando a cidade limpa.

O que o terceiro entrevistado respondeu tem a mesma conotação daquilo escrito por Capra e citado na fundamentação teórica: "para ser um ecologista sério, também é preciso separar o seu lixo, desligar as luzes e praticar a simplicidade voluntária".

Quando o associado diz que hoje ele incentiva a família a reciclar o lixo, é porque a associação possibilitou a tomada de consciência ecológica dessa pessoa, e ela começou a conscientizar as pessoas que a cercam, difundindo a idéia de preservação da natureza.

Um dos associados entrevistados falou do almoço. Cabe registrar que atualmente os associados almoçam na própria Associação. Cada um dá uma quantia quinzenal em dinheiro para comprar os alimentos. Uma associada foi escolhida para cuidar do preparo do almoço. Ela participa da partilha da mesma forma que todos os demais.

Quando perguntados sobre como seria se não estivessem na AREsp, as respostas foram as seguintes: o primeiro disse que não trabalhava antes, e não

tinha como comparar. Já o segundo destacou novamente a consciência ecológica que a Associação lhe trouxe. Disse que “antes de eu trabalhar aqui eu não dava importância para o lixo que eu tenho na minha casa. Hoje eu incentivo a minha família a reciclar o lixo. Se não estivesse aqui eu estaria desempregada, porque o índice de desemprego está muito alto. Desde que eu estou trabalhando aqui, já fiz ficha em vários lugares, mas nunca fui chamada”. O terceiro destacou que é na Associação que ele tira seu sustento, e voltou a citar as melhorias ocorridas nesses três anos de atuação na Associação. Respondeu o seguinte: “eu vejo pelos outros que tem estudo e não tem onde trabalhar, aqui é um meio de trabalho. É através daqui que eu compro o alimento para sustentar a minha família. Quando nós entramos aqui era uma média de 15 pessoas, então hoje estamos em 33 pessoas. Comparando quando a gente começou com agora, hoje nós estamos bem, é só ter vontade de trabalhar. Hoje temos a esteira, as mesas, antes era tudo no chão.

A resposta de um dos associados em relação à pergunta acima vai ao encontro àquilo que descrevem Singer & Souza, já citados nesta pesquisa:

Nos empreendimentos solidários vem ocorrendo outros ganhos, diferentes do econômico em si, tais como auto-estima, identificação com o trabalho e com o grupo produtivo, companheirismo, além de uma noção crescente de autonomia e de direitos cidadãos.

Quando o associado diz que é através desse trabalho que ele compra o alimento para sustentar a sua família, ele fala com um orgulho, com uma auto-estima impressionante. Hoje por exemplo, esse mesmo associado e todos os

demais podem comprar à prazo no comércio, pois eles têm uma fonte de renda mensal garantida, o que não acontecia quando cada um trabalhavam para si próprio. Quer dizer, hoje eles se sentem cidadãos, devidamente inseridos na sociedade em que vivem.

Perguntados sobre o que esperam do futuro, e qual seria o sonho de cada um, teve-se as seguintes respostas: o primeiro disse que “para o futuro, espero que seja construído um galpão lá na minha comunidade, já tem projeto para ser construído lá, e até dezembro de 2003 deverá estar pronto. Porque aí, lá a gente não precisaria pagar cozinha, aqui a cozinheira recebe como todos os associados e a cada quinze dias é recolhido R\$ 17,00 de cada associado para comprar os alimentos para fazer o almoço. Não precisaria também pagar ônibus, porque a Associação paga mensalmente R\$ 1.400,00. Só que lá, quando o galpão for construído, nós teremos que pagar água e luz, que aqui a gente não paga, mas acho que as despesas seriam bem menores e sobraria mais dinheiro para cada associado por mês. O galpão ainda não começou a ser construído, eles estão tirando as casas de lá para construir o galpão. A pessoas que moram nessas casas que estão sendo destruídas, estão indo para os prédios”. O segundo respondeu: “eu quero ser secretária, estou estudando para ser secretária, quero pouco lixo na cidade, um mundo sem violência, espero também que no futuro as pessoas se conscientizem e separem o lixo”. O terceiro também lembrou do ônibus, a exemplo do primeiro: “eu espero que a promessa de mudar o galpão para o Chico Mendes aconteça, por causa do ônibus”.

Sobre a religião de cada um, observou-se que um dos entrevistados é católico, outro evangélico e o terceiro acredita em Deus, mas não frequenta nenhuma religião.

Perguntados sobre como é a vida na casa e no bairro onde moram, vieram as seguintes respostas: o primeiro disse que "na minha casa a vida é boa, mas na comunidade não é muito boa né, é favela, tem tiroteio , tem drogas, Chico Mendes é falado". O segundo falou que a vida na sua casa é tranqüila, e destacou o lado familiar, dizendo que mora com o marido e o filho, e sua mãe mora na casa ao lado. O terceiro entrevistado destacou a violência no bairro. Disse que a vida "é boa , tenho bastante amizades no bairro, mas de 5 anos para cá o bairro está muito violento, muita droga, é demais a violência".

Os três entrevistados têm casa própria, sendo que dois deles estão sendo beneficiados com o "Projeto Bom Abrigo" da Prefeitura, projeto este que está transferindo pessoas daquele bairro, de casas precárias, para prédios populares.

Perguntados se eles se sentem respeitados pelos colegas de trabalho, teve-se uma unanimidade de repostas: todos responderam que se sentem respeitados lá dentro. Um deles foi mais longe. Disse: "me sinto respeitada sim, não só aqui, mas em toda associação, você tem que saber falar com as pessoas, respeitar elas, não importa que eu sou da diretoria mas eu tenho que respeitar os associados, não chegar e querer mandar porque aqui é uma associação, eles tem opiniões diferentes da minha, temos que conversar para chegar a um acordo, por isso que a gente se dá bem, quando tem algum problema eles vem falar comigo eu falo com a tesoureira e tentamos chegar a um acordo".



Quando perguntados sobre qual é o maior problema da Associação, surgiu novamente o ônibus, como sendo o mais lembrado. Um dos entrevistados lembrou da segurança do galpão. Disse ele que “as portas ficam abertas e eles vêm roubar, isso tá acontecendo de uns 20 dias para cá. Não temos como colocar vigia”, reclamou ele. Cabe lembrar que o galpão de triagem da AREsp localiza-se no terreno da COMCAP, e cabe à própria COMCAP zelar pela segurança do local.

Perguntados sobre o que mais gostam na Associação, o primeiro respondeu que o que mais gosta é trabalhar no artesanato. Já o segundo respondeu: “aqui eu gosto de tudo, eu já fui chamada para trabalhar no posto de saúde como agente de saúde mas não fui, aqui é a minha 2ª família, tem pessoas que saem daqui para trabalhar em outro lugar e depois voltam, aqui é uma associação bem unida”. O terceiro respondeu: “gosto de tudo, se tem serviço para fazer eu faço, tem pessoas aqui que ficam atrás da moita e não fazem, aí eu tenho que mandar fazer. Eu não paro o dia inteiro. Eu me dou bem aqui com todo mundo”.

Esta foi a entrevista realizada com os três associados da AREsp. Para um deles, fugiu-se um pouco do roteiro e foram feitas outras perguntas, que seguem abaixo.

Perguntada sobre a experiência na diretoria, a associada respondeu que “é meio complicado, às vezes a gente se incomoda, mas tem que insistir para melhorar, não só para mim, mas para todos os associados. Eu já fui secretária, já fui tesoureira e sei mais ou menos a base que se tem aqui na diretoria”.

Também foi perguntado se existe algum sistema de rodízio lá dentro, e a resposta foi a seguinte: “não, é assim: se a pessoa tá na esteira e não tá bem, não

tá pegando direito, não se adaptou, a gente procura ajudar , coloca na separação do vidro, na prensa, mas geralmente já tem as pessoas que trabalham na esteira , na prensa e no artesanato, que sou eu”.

Como a entrevistada participou em Janeiro de 2003 do Congresso Latino – Americano de catadores em Caxias do Sul – RS, tomou-se a liberdade de perguntar o que ela achou da experiência. Ela respondeu que “foi muito bom, estes encontros é bom sempre a gente participar, porque a gente pensa que na associação que a gente trabalha tem muitos problemas, mas vendo a situação dos outros, tem lugares muito piores do que o nosso, e o maior problema nas outras associações é a desunião, e isso nós já superamos. Nas outras associações cada um quer trabalhar para si, e um quer tirar a vantagem sobre o outro.

Nas visitas efetuadas à AREsp, observou-se que o grau de união lá dentro é alto, conforme relatado anteriormente por uma das associadas. Uma evidência foi observada no final do expediente de uma sexta-feira, onde todos fizeram um mutirão para deixar o galpão limpo para a semana seguinte de trabalho. Não houve reclamação, o que houve foi um trabalho coletivo em prol de todos.

## **5.2 Entrevista com a Associação dos Papeleiros**

A seguir, são apresentados os resultados das entrevistas realizadas com os Papeleiros.

Perguntados sobre o grau de instrução, todos responderam terem estudado pelo menos até a 4ª série. Um dos entrevistados demonstrou interesse em

continuar estudando. Disse ele: "parei na metade da 8ª série, mas a hora que 'pintar' oportunidade, voltarei a estudar".

Sobre a família, todos declararam serem casados e terem filhos. Um deles, inclusive, tem 8 filhos. Todos os filhos com idade escolar estão estudando.

Em relação ao tempo de trabalho na atividade de catador, todos responderam que trabalham a mais de 8 anos recolhendo papel. Quer dizer, são pessoas que praticamente começaram a atividade no centro de Florianópolis.

Quando perguntados sobre se estão satisfeitos com o trabalho que realizam, todos manifestaram o grau de satisfação com a profissão. Um deles disse o seguinte: "não tem coisa melhor do que trabalhar aqui".

Perguntados sobre como seria se eles não estivessem catando papel, todos responderam que seria bem pior. Um deles falou da importância da existência da Associação. Disse ele: "muitos lugares nos dão papel porque eles sabem que nós funcionamos como Associação. Se nós não tivéssemos a Associação, seríamos um zero à esquerda. O fato de nós termos uma Associação é uma grande conquista. O outro entrevistado falou da longa jornada de trabalho e do ganho que é bom. Disse: "Aqui se trabalha bastante, mas se ganha bem também. Trabalho de 12 a 13 horas por dia". Observa-se aqui, a questão da jornada ampliada de trabalho que muitos papeleiros se submetem.

Perguntados sobre o futuro, sobre qual o grande sonho, um deles falou o seguinte: "O meu grande sonho é trabalhar todo mundo junto, entregar o papel direto para a fábrica, para nós termos uma renda maior. Eu tenho a consciência que a união faz a força. Se nós trabalharmos todo mundo junto, a nossa hora vai

chegar". O outro enfatizou que pretende "melhorar cada vez mais na Associação". O terceiro disse que "gostaria que mais tarde nós tivéssemos uma prensa e um caminhão para vender para fora, porque aí nós não íamos precisar de atravessador e iríamos ganhar mais".

Foi perguntado se eles achavam que trabalhando em outro lugar conseguiriam ganhar mais: o primeiro foi bem claro: "não, eu já experimentei. O que eu ganhava num mês lá, em uma semana eu ganho aqui". O outro respondeu: "ganharia muito menos fora, com certeza. Tem um cara que trabalhava aqui e saiu, foi trabalhar numa firma para ganhar R\$ 400,00. Fui convidado para ir, mas não quis". Para esse mesmo, foi perguntado se ele tira férias. Ele disse que não. "Às vezes quando estou cansado, fico 1 ou 2 dias em casa, mas é muito difícil, não gosto de ficar em casa, gosto de estar trabalhando, no final de semana é difícil eu ficar em casa".

Indagados sobre como são tratados nas ruas, obteve-se as seguintes respostas: o primeiro disse que " muitas pessoas xingam porque nós estamos andando na contra mão, mas isto é normal, são casos isolados. O que mais aparece é gente elogiando nosso trabalho, principalmente as pessoas mais idosas". Já o segundo respondeu que " tem algumas pessoas que me respeitam, outros são mais grosseiros, mas a gente não liga. Estes grosseiros nos chamam de lixeiros". O terceiro, por sua vez, respondeu que sempre foi tratado muito bem, e que não tem do que se queixar.

Foi perguntado para um deles como é a relação deles com o comércio. O mesmo responde que "é boa. Os lojistas conhecem catador por catador".

Indagado sobre quanto pesa uma carga, ele respondeu: "varia bastante. Uma carga normal pesa de 60 a 70 kg, mas outras podem pesar 300 kg. O papel branco pesa mais, o papelão pesa menos". Perguntado sobre quantos quilos de papel ele consegue carregar por dia, ele disse: "de 500 a 600 kg. Mas isso varia muito". Observa-se pela resposta que os associados estão expostos aos riscos de lesões por esforços repetitivos, ocasionadas por posturas inadequadas e repetição de posições do organismo.

Sobre o local onde moram, todos responderam que têm casa própria e que o bairro é bem tranquilo de se morar.

Quando perguntados se são respeitados pelos colegas de trabalho, todos responderam "sim". Um deles foi mais longe e disse: "me sinto respeitado sim. Primeiro a gente tem que dar o respeito, para depois conquistar o respeito também. Não tenho inimizade com ninguém".

Perguntados sobre qual é o maior problema da Associação, o primeiro respondeu: "o maior problema é o individualismo do presidente e do vice-presidente. Mais é o vice-presidente que acha que é dono daqui, aí complica né, aí atrapalha, por isso que nós não temos mais conquistas". O outro respondeu que o maior problema é a falta de um barracão adequado. O terceiro respondeu: "tem uns que querem mudar a diretoria, mas eu não sei".

Perguntados sobre o que mais gostam na Associação, teve-se as seguintes respostas: o primeiro disse que "o que mais gosto é do dia-a-dia que a gente vive com todo mundo, de vocês que acompanham nosso trabalho". O segundo respondeu: "eu gosto de tudo aqui, aqui eu me sinto em casa, às vezes estou em

casa e já estou preocupado em vir para cá. Trabalho aqui de segunda à sábado, só domingo fico em casa. Já o terceiro respondeu que "eu gosto de trabalhar para ganhar dinheiro, gosto de tudo, porque se eu não gostasse já teria saído, pois tenho profissão, sou soldador".

Foi perguntado para um deles se existe alguma atividade de lazer na Associação, e ele respondeu que eles têm três times de futebol de areia, e que no final do ano sempre tem confraternização.

### **5.3 Entrevista com os assessores da AREsp e dos Papeleiros**

Foram entrevistadas duas assessoras: a professora Thyrza Pires, que leciona no Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina e assessora a AREsp; e a psicóloga Nara Bittencourt, funcionária da Companhia de Melhoramentos da Capital, que assessora os Papeleiros. Elas foram convidadas a falar em termos gerais, da experiência com as associações, conquistas, principais dificuldades, perspectivas futuras. As entrevistas ficaram longas, mas em função da riqueza de informações, serão citadas na íntegra, para que se saiba o que pensam essas duas pessoas maravilhosas, que há 4 ou 5 anos acompanham, com uma garra e persistência incríveis, as duas associações estudadas. Pode-se dizer de antemão que, sem a presença delas, dificilmente essas associações existiriam.

### 5.3.1 Assessora da AREsp

1 – Quando e como começou o seu trabalho na Associação?

“Acompanho o Projeto desde a origem, ou melhor, desde antes dele ser “projeto”. Isto é, início, mais ou menos, março/abril de 1997.

O Programa de Capacitação em Triagem de Resíduos Sólidos e Reciclagem Artesanal de Papel e Cooperativismo foi desenvolvido através do Laboratório de Experiências em Papel Artesanal - LEPA, como atividade de extensão do Núcleo de Saneamento da Escola Técnica Federal de Santa Catarina – ETFSC, em parceria com a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho - FMSS, Prefeitura Municipal de Florianópolis - PMF e Companhia Melhoramentos da Capital - COMCAP.

O programa envolveu 41 pessoas de dez comunidades de baixa renda de Florianópolis, com idades variando de 21 até 63 anos. A escolaridade média era até 2<sup>a</sup> série do primário, sendo grande o número de pessoas não alfabetizadas e apenas dois participantes com 1<sup>o</sup> grau completo.

Os participantes, na maioria, eram do interior do Estado e de outros estados, que vieram para Florianópolis em busca de melhores condições de vida. A escolha das comunidades, localizadas no continente, na região do Monte Cristo e adjacências, foi realizada pelo Departamento de Desenvolvimento Social da Prefeitura de Florianópolis.

Após esta escolha, foram realizadas reuniões de motivação na comunidade Chico Mendes, de dezembro/1997 a fevereiro/1998. Participaram lideranças comunitárias e diversas pessoas interessadas em conhecer o trabalho proposto. Foi apresentado o programa, expostos os objetivos e discutidos os assuntos referentes à localização do

terreno para a implantação da Unidade Descentralizada de Triagem de Resíduos - UDTeR, visto que a Prefeitura voltou atrás na cedência do espaço que tinha oferecido para o desenvolvimento do projeto.

Ainda nas reuniões de motivação, as pessoas das comunidades envolvidas escolheram, junto com a equipe do programa, critérios de seleção para os participantes na capacitação, devido ao grande número de pessoas que se candidataram para participar da capacitação. A partir de fevereiro/98 até início de março/98 foram desenvolvidas atividades com o grupo completo, dos 41 participantes, no Laboratório de Experiências em Papel Artesanal – LEPA, na ETFSC. Nestes encontros, os participantes receberam informações mais detalhadas sobre o programa de capacitação que eles começavam.

Também foram colocados os problemas enfrentados pela equipe coordenadora, visto que a Prefeitura retrocedeu na cessão do espaço que tinha oferecido, para a formação da UDTeR. A partir daí, as aulas que deveriam se desenvolver no próprio local de trabalho deles, a UDTeR, tiveram que ser realizadas na ETFSC e na Estação de Triagem da COMCAP”.

2 – O que mais impressiona você na Associação?

“Vou te responder um pouco diferente da pergunta: o que mais me impressionou e “assustou” no início foi a confiança que as pessoas das comunidades depositavam em nós e na nossa proposta. E também a garra de continuar lutando e buscando aquilo que propusemos a eles, mesmo nos



momentos mais difíceis, quando acreditávamos que tudo estava perdido e que não conseguiríamos ter o galpão. Lá estavam eles e nós também.

Já na Associação de Recicladores Esperança, o que mais me impressiona é a honestidade dos trabalhadores. Sabe-se que trabalhar em grupo e mexer com dinheiro alheio é uma coisa muito complicada, e eles têm, apesar de muitas brigas e dificuldades, conseguido levar a AREsp com a maior honestidade que se possa imaginar. Esta honestidade é no material que enfardam, sempre de melhor qualidade e como o mercado necessita, e também nas partilhas.

3 – Cite as principais conquistas.

“O galpão, a confiança do poder público, o reconhecimento como parceiros da COMCAP, o reconhecimento da sociedade (UFSC, Escolas em geral, CEFET, sociedade), a alfabetização de alguns companheiros, e de conseguir se manter já por quase 4 anos, sem depender financeiramente de ninguém.

Sentir que alguns associados têm orgulho daquilo que fazem, e já conseguem se sentir cidadãos/cidadãs, com direitos e deveres sociais e econômicos. Já se sentem muitas vezes incluídos na sociedade e no processo econômico (já tem conta para pagar por mês, pois tem ganho garantido)”.

4 – Cite as principais dificuldades enfrentadas no caminho.

“Dificuldades foram muitas: trabalhar em grupo, sem patrão. Esta é a maior. Mas também a falta de recursos para investimentos, as brigas e fofocas entre os integrantes da associação. A falta de técnicos e assistentes sociais para ajudar o

grupo. E um pouco de incompreensão por alguns parceiros do modelo escolhido, que não visa a quantidade e o lucro, mas também a inclusão de pessoas com dificuldades (deficiências mentais leves, drogados, alcoólatras, apenados...). Mas isto já está quase resolvido.”

5 – Qual é o grande desafio que você ainda não alcançou no trabalho com a Associação?

“Ver eles poderem trabalhar um pouco mais sozinhos, sem dependerem muito das entidades parceiras. Mas ao mesmo tempo acredito que eles devam ter sempre os parceiros ajudando-os.

Outra coisa que me incomoda um pouco é constatar uma grande rotatividade de associados. Há um núcleo permanente, mas outros não permanecem por mais que 3 ou 4 meses. Ainda não consegui decifrar bem por que isto ocorre. Já tenho feito algumas observações, mas não tenho conclusões ainda.

Outro desafio é melhorar as condições de higiene do galpão e dos associados. Isto está difícil. Torná-los cientes da importância do trabalho que desempenham à sociedade e ao ambiente é uma das dificuldades que, em alguns momentos, acredito que eles já tenham superado, mas em outros (...) nem tanto”.

6 – Como você vê a Associação no futuro, daqui há 5 anos, por exemplo.

“Como um grande modelo para a cidade e para o Estado de SC. ‘Isto é um sonho acordado e de pés no chão.’

Acredito que como outras associações que temos como exemplos: as de Porto Alegre, de Belo Horizonte -MG, e algumas do Estado de SP, que já têm cerca de 8, 10 anos, a AREsp vai ficar firme, e poder disputar as atenções e superar as expectativas que pudermos ter.

Espero que a partilha deles esteja muito melhor, as condições de trabalho e higiene sejam compatíveis e dignas da condição de pessoas cidadãos e que possam ter alcançado mecanizações necessárias para o bom funcionamento da atividade, sem que isso venha tirar postos de trabalho, mas sim melhorar as condições deste”.

7- Por que os Papeleiros ainda não conseguiram formar um grupo unido? (Pergunta feita para as duas assessoras entrevistadas, visto que a assessora da AREsp tem um certo conhecimento da Associação dos Papeleiros).

“É difícil falar daquilo que não se vivencia. Trabalhar com catadores de rua é muito difícil, pois os valores são outros.

Eles não abrem mão de pegar o seu material no horário que eles querem. Isto já começa a dificultar, pois regras para bom andamento do trânsito na cidade não conseguem ser respeitadas e a comunidade passa a vê-los não com bons olhos.

Também tem a história de que, se eles não pegarem mais cedo, passa outro e pega e eles ficam sem material.

A partilha nestes casos é difícil, pois envolve trabalhos diferentes (uns chegam a puxar até 450 kg por carga, outros 200 kg por carga e as distâncias também são fatores intervenientes).

Lá embaixo da Ponte também tem uma coisa que acredito que seja um dos fatores que tornam as coisas mais difíceis: todos fazem parte de uma mesma família (ou a grande maioria). Veja só: uma pequena família já tem um monte de problemas, imagina quando são aproximadamente 60 integrantes da mesma família e que muitas vezes misturam assuntos de casa com assuntos de trabalho.

Outra coisa que é difícil para eles é pararem um tempo para “estudar”. O tempo que eles param, eles deixam de ganhar. Até se pode dizer que quem quer melhorar acha tempo... Mas se eles tivessem sensibilização, talvez não estivessem puxando carrinho de materiais recicláveis”.

### 5.3.2 Assessora dos Papeleiros

1 – Quando e como começou o seu trabalho na Associação?

“Meu trabalho começou em 1999, foi a finalização de uma primeira etapa de atenção aos catadores, porque eles não tinham espaço nem para colocarem os resíduos sólidos. Eles deixavam na rua, na chuva, no vento e a mercê de intempéries, a mercê das outras pessoas que viviam na cidade também, pois eles acabavam dormindo junto com o material, e o material era roubado, colocavam fogo, passavam muita dificuldade.

Aí, quando eles saíram da rua para ir para um depósito debaixo da ponte, foi chamada uma comissão para formar uma equipe de apoio inicial para o trabalho deles e para formar uma associação. Eu trabalhava na COMCAP e fui convidada por um sociólogo que trabalhava na Secretaria de Desenvolvimento Social da

Prefeitura, para que fizesse parte da formação inicial deste grupo, juntamente com a Secretária da Criança, a Secretaria do Desenvolvimento Social e eu da COMCAP.

Lutamos para começar a pensar de que forma nós poderíamos elaborar este trabalho. Eu e mais uma pessoa ficamos responsáveis pela discussão do Estatuto com eles e a formalização do Estatuto, através de reuniões, e foi distribuído responsabilidade para cada equipe. A outra pessoa era responsável pelas crianças, porque eles não tinham creche e foi conseguido creche à noite, e eu fiquei com esta parte de organização de uniforme, carrinho, placa de carrinho e logotipo da organização.

Este momento foi o momento inicial. A partir daí eles começaram a ter um local de depósito deles, antes eles ficavam na rua, ficaram um tempo na passarela do samba, depois ficaram na Conselheiro Mafra em uma oficina de carro que era um depósito comum e que agora é um estacionamento, mas eles mudavam a todo tempo, porque a sociedade não permitia que eles ficassem ali, e o poder público também não auxiliava eles, e foi pela Procuradoria do Trabalho que a Prefeitura recebeu uma pressão maior para poder facilitar a ida deles para algum lugar.

Vale marcar o fato da transição do catador, pois ele era sozinho na rua, para a entrada agora em uma associação, o que permite que ele possa negociar com o comprador e melhorar o preço. Ainda é um atravessador, mas pelo menos organiza melhor esta venda, além do refúgio deles na associação, pois é um refúgio social, eles podem fazer a vendagem do papel, ou do material reciclável com maior facilidade.

Quando eles se associam conseguem formular um contrato de compra e venda com o comprador, que assegura o preço de mercado, a não quebra do preço, por que o material reciclável não sofre as exigências econômicas, por que o alumínio é indexado a nível internacional. Então, se o Brasil quiser comercializar este produto ele tem a garantia deste preço, e o papel está sempre em alta, está sempre bom o preço para eles, tem muita procura, bastante gente procurando”.

2 – O que mais te impressiona na Associação?

“É o trabalho, é esta vida vinculada ao papel, tudo gira em torno do papel”.

3 – Cite as principais conquistas.

“Eles puderam se proteger da violência urbana, serem acolhidos num local único, e acima de tudo, puderam ter um trabalho.

Antes eles estavam à margem da margem, hoje eles são catadores que ainda vivem à margem da sociedade por um questão política, mas teve um reconhecimento do trabalho a nível do Movimento Nacional dos Catadores, conseguiu-se dar um salto de qualificação, e hoje tem muito trabalho para fazer com eles.

Eu queria uma equipe maior de apoio. A conquista é que eles conseguem manter a limpeza da cidade 24 horas por dia. Eles coletam papel, plástico, alumínio, ferro. Mas o grosso desta associação é o papel, papelão e o papel misto, é o mais forte deles mesmo. A tecnologia pode ajudar muito eles, mas a maior conquista mesmo é este lugar onde eles ficam”.

4 – Cite as principais dificuldades enfrentadas no caminho.

“Eles são muito individualistas, não tem trabalho coletivo nenhum, é quem tira o seu melhor, é o melhor de todos. Eles não tem um senso de organização dentro da Associação, falta muito para caminhar com eles ainda. A idéia agora é fortalecer alguns grupos e discutir. Tem que mudar o comportamento deles, o que eles querem é coletar papel”.

5 – Qual é o grande desafio que você ainda não alcançou no trabalho com a Associação?

“Eu acho que é inserir um contexto de trabalho, mais reconhecido por eles, mais digno, que eles pudessem ter um respeito ao que eles fazem, e, em consequência, respeitar o outro, porque aqui predomina muito o individualismo.

Eu acho que se eles tivessem uma maior cooperação entre eles, em manter a limpeza da Associação, os banheiros e cozinha limpos, não colocarem pedra no papel para pesar mais, eles também boicotam um o trabalho do outro (...). Penso em mudar os carrinhos, fazer uniformes para eles. O grande desafio mesmo é ter uma organização deles e o reconhecimento das pessoas”.

6 – Como você vê a Associação no futuro, daqui há 5 anos, por exemplo.

“Eu acredito que o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis vai ser competente, hoje não se pode trabalhar com o catador, sem

pensar no Fórum Lixo e Cidadania, no Movimento Estadual do Catadores e no Movimento Nacional dos Catadores.

Hoje temos o Movimento Estadual do Catadores e o Movimento Nacional dos Catadores. Se eu quero discutir preço, eu ligo para as Regionais do Estado e pergunto como está o preço do papel, e eles me dão o valor; ou eu ligo para São Paulo que eles me dão o valor, então esta ligação do Movimento Nacional, que se estadualiza e se regionaliza em todo o Estado é preponderante.

Para mim será a minha sombra, para que eu possa acompanhar as Instituições, para que eu possa trazer um catador de Porto Alegre, de São Paulo, trazê-lo para cá e fazer um Seminário de um dia com ele, para ele contar a história dele, como foi, por que ele é o presidente hoje, como ele é visto como presidente.

A questão do lixo hoje é irreversível, não tem volta, é olhar para frente, e olhar para frente é com o reaproveitamento do material através da coleta seletiva. O catador pode ser um contribuinte para o município.

Então, eu vejo o futuro de uma forma mais global. Hoje eu estou com uma ONG chamada “Harmonia na Terra”. Estou com uma proposta de financiamento, eu quero acertar com mais pessoas estas propostas. Gente de fora, que venha nos ajudar.

Eu acho que tem um futuro promissor para eles. Eles têm que segmentar uma diretoria mais sólida. E agora eu estou trabalhando com eles mais a longo prazo, por que antes eu me preocupava mais com as ações imediatas. Eu estou pedindo muita seriedade das pessoas que estão se envolvendo, muita responsabilidade.



7– Por que os Papeleiros ainda não conseguiram formar um grupo unido?

“Eu tenho uma opinião hoje que a falta da escola é um fator preponderante. É sentar numa cadeira durante dois, três, quatro, cinco, seis, sete anos, sistematizar a vida, fazer provas, estudar, ter uma relação com os colegas, tudo isso a escola, que é uma formadora educacional, pode promover e eles não tiveram.

Eles trabalhavam no campo, eles não tinham uma direção, a maioria deles trabalhava como empregado na colheita de erva-mate. Esta relação de desamor da sociedade, das pessoas mais próximas. Por exemplo, eu tenho conflito com eles hoje, porque os pais querem que os filhos trabalhem no lixão, os adolescentes saem da escola e vão trabalhar no lixão, e ali é a vida deles, uma vida escrava, uma vida árdua, em que a vida dá pouca coisa de retorno.

Você imagina alguém nascendo em uma sociedade em que a sociedade não dá nenhum retorno, só explora. Antes da formação da Associação, eles não eram pagos, iam embora sem ser remunerados, e aí eles eram enganados pelos atravessadores.

Eu mesma montei um Contrato de Compra e Venda, levei eles no local, vimos qual era o melhor comprador. Isto é um processo de aprendizado para eles, pois eles não têm escola.

A escola da vida mal resolvida é muito cruel, a vida é muito pouco para eles, o que eles querem é gerar filhos. Isso impede que eles tenham uma margem de futuro. A margem de futuro é muito pequena.

Eles não tem perspectivas. Nós temos imaginação, como será a imaginação destas pessoas, eles não tem poesia na vida, eles moram numa ilha e não sabem

onde é o mar, eles vivem para o trabalho, os novos tem 3 a 4 filhos para sustentar. É muito incrível pensar neste assunto, pensar que a vida não deu nenhuma resposta para eles”.

Após essas duas entrevistas esclarecedoras, parte-se para o fechamento do trabalho, com as considerações finais. Pode-se observar através das entrevistas, a grande quantidade de variáveis que podem ser melhor trabalhadas junto às associações. Acredita-se também que, com as entrevistas, o leitor pode ter uma idéia do nível de complexidade das associações aqui estudadas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, pode-se destacar que as duas Associações estudadas são bem distintas, estando em patamares diferentes. O que elas têm em comum é o fato de trabalharem com a triagem de materiais recicláveis. As diferenças são muitas. Alguns exemplos:

Na AREsp o material - proveniente da coleta seletiva de Florianópolis - é levado pela COMCAP e colocado dentro do galpão, sem custo para a Associação. Os associados procedem à triagem, enfardamento e posteriormente, à venda, repartindo os ganhos de forma igualitária entre todos. É o que eles chamam de "partilha".

Na Associação dos Papeleiros, o material é coletado pelos associados no centro de Florianópolis. Eles utilizam carrinhos e às vezes carregam mais de 300kg de papel numa única viagem. Depois do carrinho estar cheio, o mesmo é puxado pelo associado para debaixo da ponte. Chegando lá, o associado faz a triagem do seu material, pesa e deposita no *container* do comprador. No dia seguinte, o associado recebe o correspondente àquilo que produziu no dia anterior, e assim sucessivamente.

Na AREsp, os associados cumprem o horário acordado entre eles, que é das 7:00 às 16:30 horas, de segunda a sexta.

Na Associação dos Papeleiros, cada um trabalha a hora que quiser. Restrições de horário, só mesmo para a circulação de carrinhos em determinados pontos do centro, como nos calçadões - por exemplo - e também na pesagem dos

materiais, pois o balanceiro atua das 14:00 às 21:00 horas, de segunda à sexta, e das 10:00 às 16:00 horas, aos sábados.

Em função das muitas particularidades, as Associações serão analisadas separadamente, para que o leitor possa acompanhar e compará-las melhor.

## **6.1 AREsp**

Diante de tudo o que foi estudado, pode-se destacar que os principais problemas enfrentados pela AREsp atualmente, são os seguintes:

- Alto índice de rotatividade. Este é um problema sério lá dentro. Observando a lista dos associados, percebe-se que, dos atuais 33 associados, 11 deles entraram em 2003, o que representa mais de 33% novos associados em três meses.
- Falta de matéria-prima para eles trabalharem. Nos últimos meses, tem sido constante a falta de recicláveis da coleta seletiva para eles triarem.
- A distância em relação às suas casas. Como ficou bem claro nas entrevistas, eles têm dificuldades em pagar o ônibus, que diariamente os leva até a Associação. Além disso, eles têm que acordar às 5 horas e 30 minutos para trabalhar.
- O trabalho sem roupas e equipamentos especiais de segurança. Eles até dispõem de luvas e roupas, mas nas visitas observou-se que muitos não se protegem adequadamente, talvez pelo desconforto.

- A segurança do galpão. Um dos entrevistados reclamou que “andaram entrando no galpão e roubando material, principalmente latas de alumínio”. Talvez seja um acontecimento isolado, mas é preciso prevenir.
- Pouca reciclagem artesanal. A confecção de produtos reciclados se restringe a existência de pedidos, normalmente para algum evento.

Diante dos problemas levantados, sugere-se algumas alternativas que podem ser avaliadas pela AREsp:

- Quanto à rotatividade, supõe-se que esteja relacionada à insatisfação com os ganhos, associada ao trabalho em si, pois percebe-se que o trabalho de triagem requer, antes de tudo, estômago forte, porque às vezes o reciclável vem misturado com produtos ou outras coisas em decomposição. Infelizmente, nem todo o cidadão que é contemplado com a coleta seletiva, separa o lixo de forma adequada. Sugere-se que seja feito um estudo mais aprofundado para se descobrir as verdadeiras causas de tamanha rotatividade, e a partir de então, buscar alternativas visando a diminuição da mesma.
- Em relação à falta de matéria-prima, a primeira providência é conversar com os responsáveis da COMCAP, e saber o que está ocorrendo. Se é falta de lixo seletivo na cidade – com os atravessadores passando antes da coleta seletiva - ou se é algum problema de logística. Percebe-se que este é um problema recente, e que precisa ser resolvido com urgência, pois a Associação está com a produção abaixo da média dos outros anos, o que pode desanimar os associados.

- Sobre o deslocamento deles até a galpão da COMCAP, cabe salientar, primeiro, que eles estão lá porque a Prefeitura até agora não cumpriu com a promessa de construir um galpão na comunidade deles – Chico Mendes. Conforme informações coletadas junto à diretoria da AREsp, a previsão é que o galpão comece a ser construído neste ano. Mas também é bom lembrar que atualmente eles não pagam água e luz, o que terão que pagar quando for construído o novo galpão. Notou-se nas entrevistas que os associados acalentam o sonho de trabalhar mais próximo de suas casas e acredita-se que, quando isso acontecer, terá um impacto direto na redução da rotatividade.
- Em relação à segurança no trabalho, é importante fazer uma campanha educativa com eles, mostrando-lhes os perigos que correm se não estiverem devidamente protegidos. Além disso, é indispensável que se consiga equipamentos de segurança e que eles passem a usar. Talvez a COMCAP possa ajudar nesse sentido.
- Sobre a segurança no galpão, é importante que se leve o fato ao conhecimento da COMCAP, para que a mesma tome as devidas providências.
- Quanto à reciclagem artesanal, observa-se um grande potencial pouco explorado na AREsp hoje. Pode-se melhorar muito esse lado, pois vendendo o produto feito a partir da reciclagem, consegue-se auferir bons ganhos, agregando valor aos resíduos. Sugere-se que sejam feitos contatos com papelarias da cidade, para que as mesmas passem a comercializar os produtos da AREsp, mesmo que seja em consignação.

Seguem abaixo outras sugestões:

- Outra conclusão que se chega ao analisar os números da AREsp, é que a COMCAP precisa fazer mais campanhas de conscientização sobre a importância de separar o lixo, para reduzir a quantidade de rejeitos que chegam na AREsp (aproximadamente 15% do total triado é rejeito).
- A AREsp deve ser mais divulgada, para que as pessoas possam ajudar, pois muita gente nem sabe da existência da Associação. A sociedade só irá ajudar, sabendo quem são eles, o trabalho que realizam e os problemas que enfrentam. Essa divulgação pode ser feita de diversas formas: visita a empresas, condomínios, panfletos informativos, jornal da Associação e outros. O marketing social precisa ser mais explorado.
- A Prefeitura poderia ajudar comprando um caminhão para a AREsp pegar os recicláveis em locais determinados, como: escolas, supermercados, shopping centers, lojas, condomínios. A AREsp poderia fazer convênios com esses locais, e aumentaria a sua produção, aumentando também o ganho dos associados.

## **6.2 Papeleiros**

Pode-se destacar como principais problemas dos Papeleiros:

- A desunião. Este é de longe, o principal problema enfrentado pelos Papeleiros. O individualismo impera sobre o coletivismo e a solidariedade. Boa parte dos demais problemas originam-se da desunião.
- Falta de regras, normas de funcionamento da Associação.
- Descumprimento dos horários de coleta no centro, trazendo problemas com fiscais da SUSP.
- Atuação de pessoas não associadas como “peões”.
- Precariedade de dados quanto ao volume coletado, e também quanto à renda individual. Os associados escondem a renda e não gostam de falar sobre isso. Falta transparência nas informações;
- Desinteresse pela mudança.
- Falta de apoio da Prefeitura, no sentido de possibilitar uma melhor estrutura de trabalho - desde carrinhos mais leves, até um galpão mais adequado - definir regras de circulação no centro, mas ouvindo as sugestões dos Associados, e assim por diante.

Estes parecem ser os principais obstáculos a serem vencidos, para que eles comecem a atuar como uma associação de fato, com todas as características inerentes. É preciso buscar novos horizontes, para que a Associação continue avançando enquanto grupo.

Diante dos problemas levantados, e da complexidade da Associação, seguem abaixo algumas considerações e sugestões para os Papeleiros:

- Para tentar unir mais o grupo, é preciso modificar a diretoria. Na Associação dos Papeleiros acontece um fenômeno interessante: como a maioria dos



associados tem algum grau de parentesco, acabou se formando uma cumplicidade muito grande, principalmente para com o atual vice-presidente. Segundo informações de um associado, o atual vice-presidente é aquele que efetivamente tem o poder lá dentro. Ele é um dos pioneiros, atuando no ramo já a vários anos, bem antes dos papeleiros formarem a Associação. Ele atua como se fosse o patrão. Talvez seja este um dos principais motivos da desunião do grupo. Os que são ligados ao vice-presidente, agem como se fossem empregados dele. Já os que esboçam alguma forma de rebeldia, no final acabam preferindo calar-se, para evitar confusão.

Conforme Veiga & Rech (2001, p.32):

Qualquer organização gera uma ação comum a partir da união de forças. Entretanto, ela pode se transformar em um instrumento de dominação e exploração por parte do poder constituído e assim tornar-se um meio para alienar e massificar pessoas, colocando-as a serviço dos interesses de poucos. Para que isso não ocorra, a organização não pode existir sem antes haver uma formação/capacitação do grupo, educando a todos para a ação crítica e consciente que garanta os princípios e os objetivos da organização através de uma gestão democrática e transparente.

Uma proposta que começa a ganhar força lá dentro é a formação de um grupo de oposição, formado por associados que demonstram interesse em mudar o rumo da Associação, fazendo com que os mesmos trabalhem efetivamente em prol do grupo, inclusive com a divisão igualitária da arrecadação.

Para isso, é preciso que esse grupo, vindo a ser formado, consiga vencer as próximas eleições em 2004, e tenha o respaldo da maioria. Mas a situação não é

nada confortável. Mudar de rumo significa ir contra os interesses de quem manda hoje, e então não se sabe qual será a reação.

Felizmente existem associados dispostos a lutar por mudança, e são esses que no futuro poderão dar um novo rumo à Associação dos Papeleiros, transformando-a em Associação de todos os associados, e não Associação de alguns, como é hoje.

- Sobre as normas de funcionamento, é preciso criá-las e fazer com que sejam cumpridas. Mais uma vez, só uma diretoria forte poderá fazer isso. Vejam o exemplo de um recente episódio: um dos associados agrediu, na rua, um fiscal da SUSP, que estava fazendo seu trabalho. As assessoras, assim que souberam do ocorrido, chamaram uma reunião com a diretoria da Associação. Ficou decidido que o agressor seria expulso da Associação. Entretanto, na assembléia, ocorrida dois dias depois, o mesmo membro da diretoria que sugeriu a expulsão do agressor, foi o primeiro a defender a permanência do associado. Resultado: o associado continua atuando, como se nada tivesse acontecido.
- Sobre os horários de coleta nos calçadões, é necessário fazer um mapeamento do centro da cidade, para descobrir os principais pontos de coleta, o fluxo de pessoas e a quantidade de material, para se chegar a um consenso sobre o melhor horário de coleta. É um trabalho mais a médio e longo prazos, e também um trabalho difícil de ser colocado em prática, pois,

não se consegue nem organizá-los lá dentro, enquanto Associação, como organizá-los quando estão nas ruas e calçadas?. Eis o desafio.

- Quanto a atuação de pessoas como “peões”, isso é bastante complicado. É preciso fazer um levantamento de quem são essas pessoas, avaliar caso a caso e quem sabe convidá-las a se associar. O que não pode é continuar assim, pois essas pessoas estão trabalhando para alguns associados, numa total aberração, sem contar que são exploradas. A Coopamare de São Paulo (citada nessa pesquisa), tem uma forma bastante interessante. Lá eles têm os chamados “catadores avulsos”, que recolhem o material e vendem para a cooperativa. Poderia ser pensado algo parecido aqui, para resolver a situação dos “peões”.
- A precariedade de dados é outro fator facilmente perceptível na Associação dos Papeleiros. Não se sabe, por exemplo, a renda mensal de cada um. Neste caso, os próprios associados não gostam de tocar no assunto. O que se tem, são valores aproximados. A partir de 2002, com a atuação de um estagiário no local, começou-se a ter alguns dados mais concretos sobre a produção da Associação. O trabalho deve continuar, para que no futuro os pesquisadores, a sociedade e outras associações tenham acesso à história, às particularidades, à produção dos Papeleiros.
- desinteresse pela mudança é outro problema que atinge os Papeleiros. Segue um exemplo: no mês de novembro de 2002 foi proposto, pela Universidade do Sul Catarinense – Unisul, utilizando recursos do Fundo de Amparo ao

Trabalhador, um curso de capacitação para os catadores. Após muita insistência das assessoras da COMCAP e da Secretaria do Desenvolvimento Social da Prefeitura de Florianópolis, além da ajuda dos estagiários da UFSC que também atuam na Associação, se inscreveram 25 associados para participar do curso. No entanto, no dia acordado em assembléia para o início do curso, só compareceram quatro associados. Resultado: após uma semana, até o professor acabou desistindo e o curso não deu em nada. Segundo informações prestadas pelas assessoras, nos mais de três anos de existência da Associação, já foram várias as tentativas de ajudá-los, e também os respectivos filhos, mas geralmente o desinteresse acaba triunfando. À primeira vista, parece um problema cultural. Na visão deles, a vida sempre foi assim, de muito trabalho e sofrimento, e ninguém pode ajudá-los, por mais bem-intencionado que esteja. É como se estivessem conformados com o destino.

- Com relação à Prefeitura, observa-se que falta apoio. E isso em todos os sentidos. Para que algo mude, a Prefeitura precisa entrar efetivamente na jogada, pois do jeito que está não é bom para ninguém. Os associados perdem, a Prefeitura perde, a comunidade perde. Existe um projeto para construção de um galpão para os Papeleiros. Conforme informações obtidas na Associação, a previsão é que a construção se inicie ainda em 2003. A idéia é construí-lo onde fica atualmente o pátio da Associação, ao lado da Ponte. Espera-se que isto realmente se concretize, pois poderá significar o início de novos e melhores tempos para os associados.

Seguem abaixo, outras sugestões que podem ser aproveitadas pelos Papeleiros:

- Estabelecimento de uma carga horária de trabalho a ser cumprida por todos;
- Estabelecimento de uma quantidade mínima de material a ser recolhido diariamente por cada um dos associados, no caso de todos virem a receber valores iguais;
- Buscar a construção de pontos de entrega voluntária de recicláveis no centro da cidade, principalmente para papelão. Isso facilitaria a vida dos associados, que teriam acesso a esses pontos e ficariam responsáveis pelo recolhimento do material para a Associação;
- Percebe-se que, na sua maioria, os Papeleiros vivem muito o momento presente. O que ganham, gastam logo, sem se preocupar com o amanhã. Atualmente, o pagamento dos associados é efetuado diariamente. Isso parece ser um problema, pois assim, tendo sempre dinheiro na mão, fica mais fácil para gastá-lo. Sugere-se que sejam feitos pagamentos semanais ou até quinzenais, como na AREsp, para incutir nos associados a idéia de planejamento dos gastos;
- Quanto à pesagem do material, hoje cada um separa o seu material antes, para pesá-lo separadamente, porque os recicláveis têm preços diferenciados. Sugere-se que o material seja pesado todo junto e que se proceda a separação posteriormente. Isso agilizaria o trabalho. O pagamento seria feito através de preço médio, negociado com o comprador;

- Curso de capacitação para os associados, onde todos se comprometessem a participar. O objetivo do curso seria prepará-los para trabalhar em equipe, mostrar para eles que trabalhando unidos e repartindo de forma igualitária os ganhos, todos ganhariam, terminaria essa disparidade que ocorre hoje, em que eles chegam a competir entre si, inclusive com casos em que um rouba o material coletado pelo outro. A união de forças renderia mais, pois conseguiriam juntar um volume maior de material, conseguiriam um preço melhor, seriam mais respeitados pela comunidade e, conseqüentemente, teriam mais apoio enquanto Associação. Devem ser criados artifícios para motivá-los a participar dos cursos.

Depois de feitas todas essas sugestões, vale lembrar que já foram muitas as tentativas de organizar os Papeleiros, mas até hoje não foi conseguido grandes resultados. Como Associação, eles estão num estágio primário.

As assessoras se desdobram, buscam soluções para os associados, ajudam de todas as formas possíveis, mas muitas vezes não são reconhecidas como deveriam.

As duas associações precisam continuar o caminho em busca da autonomia administrativa. Elas precisam chegar ao ponto de fazerem tudo por conta própria, pois, só assim, chegarão ao patamar de autênticas associações, onde os próprios associados tomem a iniciativa de chamarem assembléias quando necessário, de resolverem os conflitos internos, enfim, de administrarem aquilo que lhes pertence.

As assessoras das duas Associações trabalham justamente nesse sentido. Todo o esforço está voltado para conscientizá-los de que os próprios associados devem cuidar do que é deles.

Quando se faz uma retrospectiva das Associações estudadas, observa-se que elas avançaram muito em relação ao início. Foram muitas as conquistas nesses anos de existência.

Somadas, as duas Associações conseguem arrecadar aproximadamente 250 toneladas de recicláveis por mês. Esse material, além de gerar renda na comercialização, está deixando de ir para o aterro sanitário.

Com base em tudo o que foi estudado, pode-se dizer que a tendência é que as Associações continuem avançando, tornando-se cada vez mais fortes, nos mais diversos aspectos, já expostos no decorrer da pesquisa.

Depois de tudo o que foi exposto no decorrer da pesquisa, é chegado o momento de concluí-la. Foi uma experiência fantástica realizar esta pesquisa. Aprende-se muito com trabalhos dessa magnitude, onde o contato com a realidade das Associações é muito forte. Acredita-se que só um certo grau de envolvimento com o objeto de estudo, faz com que se consiga extrair uma visão mais próxima do que acontece lá dentro, e a partir daí, surgem as sugestões que podem melhorar a realidade presente.

Fica registrado o apelo para que mais estudantes realizem trabalhos voltados para entidades sociais, como as associações aqui estudadas. Esses projetos precisam muito da ajuda de pessoas com visões inovadoras, com propostas e sugestões que possam fortalecê-las, para que consigam sobreviver e se

multiplicar por todo o Brasil, trazendo oportunidade de inserção para quem vive à margem da sociedade, privado de uma vida mais digna.



## 7 FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria de Fátima. **Do lixo à cidadania: estratégias para a ação.** 1ª Edição. Fórum Nacional Lixo e cidadania: Unicef e Caixa Econômica Federal: 2001. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/lixoecidadania/publicacoes>>. Acesso em: 18 novembro 2002.

ALVES, Maria B. Martins; ARRUDA, Susana Margareth. **Como fazer referências:** bibliográficas, eletrônicas e demais formas de documentos. 2002. Disponível em: <<http://bu.ufsc.br/normaTeses.html>>. Acesso em: 25 novembro 2002.

ABNT (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS). **Resíduos Sólidos:** Classificação. NBR-10004. Rio de Janeiro, 1986.

ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORES ESPERANÇA. Disponível em: <<http://www.aresp.hpg.com.br>>. Acesso em: 02 novembro 2002.

BAASCH, Sandra S. Nahas. **Um sistema de suporte multicritério aplicado na gestão dos resíduos sólidos nos municípios catarinenses.** 1995. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

BASTOS, Angela. A sobrevivência no lixo. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 junho 1999, p.4-7.

BERNA, Vilmar. **Reciclagem de idéias**. Disponível em: <<http://www.jornaldomeioambiente.com.br>>. Acesso em: 28 outubro 2001.

BLAUTH, P. R. Usp Recicla. In: EIGENHEER (Org.). **Coleta seletiva de lixo: experiências brasileiras**. N. 2. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998, p. 173-184.

BURSZTYN, Marcel (Org.). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CALDERONI, Sabetai. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sabedoria Incomum**. 10 Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

CEMPRE/ISER. **Cadernos de reciclagem 5: a participação das ONGs.** São Paulo, 1996.

CEMPRE. **Dúvidas.** Disponível em: <<http://www.cempre.org.br>>. Acesso em: 09 fevereiro 2003.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO: A AGENDA 21. In: **Capítulo 21: manejo ambientalmente saudável dos resíduos sólidos e questões relacionadas com os resíduos.** Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996, p. 419-437.

DAL RI, Neusa Maria. **Economia solidária: o desafio da democratização das relações de trabalho.** São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

EIGENHEER, Emílio M. (Org.). **Coleta seletiva de lixo: experiências brasileiras.** N.3. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1999.

FELLENBERG, Gunter. Os resíduos sólidos. In: FELLENBERG, Gunter. **Introdução aos problemas de poluição ambiental.** São Paulo: UPU-EDUSP, 1980. p.111-123.

FERREIRA, Mário Lino de Souza. **Proposta de um sistema alternativo de coleta seletiva de resíduos sólidos domiciliares, executada por catadores (carrinheiros) na cidade de Cianorte – Paraná.** 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

FIALHO, Mirian L. **O papel reciclado:** uma análise de aspectos sociais e ambientais. Florianópolis. 1996. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 março 2003.

JAMES, Barbara. **Lixo e reciclagem.** 4 ed. São Paulo: Scipione, 1995.

MACHADO, Gláucia E. **Estudo comparativo de custos da coleta seletiva e regular de Resíduos sólidos urbanos no bairro Balneário do município de Florianópolis, SC.** 1995. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

MANCE, Euclides André. **A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 16ª Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações – CBO.** Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br>>. Acesso em: 09 março 2003.

NASCIMENTO, Eva Pereira. **Uma análise crítica da reciclagem como atividade em educação ambiental.** Disponível em: <<http://www.reciclarte.hpg.com.br>>. Acesso em: 19 outubro 2001.

PEREIRA, Sândhya Alves; SANTOS, Régis Fagundes Galvão. Porto Alegre. In: EIGENHEER (Org.). **Coleta seletiva de lixo: experiências brasileiras.** N. 2. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998, p. 25-38.

PERIN, Adenilson. **A utilização do lixo reciclável como fonte geradora de emprego, renda e dignidade a adolescentes em situação de risco pessoal e social na Grande Florianópolis.** 1999. Trabalho de Conclusão de Estágio (Bacharel em Administração de Empresas) – Departamento de Ciências da Administração, UFSC, Florianópolis.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **A coleta seletiva em parceria com os catadores de papel.** Disponível em: <<http://www.pbh.bov.br/siga/limpeza>>. Acesso em: 23 novembro 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Limpeza urbana.** Disponível em: <[http://www.pmf.sc.gov.br/cidade/perfil\\_de\\_florianopolis](http://www.pmf.sc.gov.br/cidade/perfil_de_florianopolis)>. Acesso em: 23 novembro 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Departamento Municipal de Limpeza Urbana.** Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br/dmlu>>. Acesso em: 30 novembro 2002.

RAZETO, Luis. **Economia de solidariedade e organização popular.** São Paulo: Cortez, 1993.

REINFELD, Nyles V. **Sistemas de reciclagem comunitária.** São Paulo: Makron Books, 1994.

RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos: o declínio da força global de trabalho.** São Paulo: Makron Books, 1995.

SCHUMACHER, E. F. **O negócio é ser pequeno: um estudo de economia que leva em conta as pessoas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

TAKEDA, Adalberto Koodi. **Análise da gestão dos resíduos sólidos urbanos da cidade de Curitiba, com abordagem na coleta seletiva e domiciliar**. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental). Programa de Pós – Graduação em Engenharia Ambiental, UFSC, Florianópolis.

THEIS, Ivo M. **Limites energéticos do desenvolvimento**. Blumenau: Editora da FURB, 1996.

UNIVERSO ON LINE. **Coopamare**. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/aprendiz/designsocial/coopamare>>. Acesso em: 30 novembro 2002.

VEIGA, Sandra Mayrink. RECH, Daniel. **Associações: como constituir sociedades sem fins lucrativos**. Rio de Janeiro: DP&A - Fase, 2001.

VERGARA, Sylvia. **Começando a definir a metodologia**. São Paulo, Atlas, 1997.

VIANA, Natália. Economia solidária. **Revista Caros Amigos**. São Paulo: Casa Amarela, ano VI, número 66, set. 2002, p.26-28.

VILAS, Juliana. SAMPAIO, Ludo. O lixo nosso de cada dia. **Revista Sem Fronteiras**. Disponível em: <<http://www.semfronteirasweb.com.br/303/capa.htm>>. Acesso em: 23 novembro 2002.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



## **8 ANEXOS**

ANEXO 1 - ESTATUTO DA ARESP

ANEXO 2 - ESTATUTO DOS PAPELEIROS

ANEXO 3 - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM ASSOCIADOS

ANEXO 4 - RELAÇÃO DOS ASSOCIADOS DA ARESP

ANEXO 5 - RELAÇÃO DOS ASSOCIADOS - PAPELEIROS